

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA**

SARA AZEVEDO SANTOS DE MELO

**PADRÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL COM OS VERBOS DE PERCEPÇÃO
VER E OLHAR**

**NATAL/RN
2016**

SARA AZEVEDO SANTOS DE MELO

**PADRÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL COM OS VERBOS DE PERCEPÇÃO
VER E OLHAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para obtenção de título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Angélica
Furtado da Cunha

NATAL/RN
2016

SARA AZEVEDO SANTOS DE MELO

**PADRÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL COM OS VERBOS DE PERCEPÇÃO
VER E OLHAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para obtenção de título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Angélica
Furtado da Cunha

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN)
Orientadora

Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo (UFRN)
Examinador Interno

Prof. Dr. João Bosco Figueiredo Gomes (UERN)
Examinador Externo

A meus pais, Santos e Nilda.
A meus avós maternos, Aurino Miguel e Iraci, e paternos, Maria do
Socorro e Francisco Pedro (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e das palavras, por me proporcionar momentos de verdadeira inspiração para tudo o que foi feito durante esta etapa que se encerra.

Aos meus pais: alicerces, companheiros, incentivadores e, acima de tudo, maiores torcedores de cada conquista em minha vida.

À Profa. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha, pelo apoio, pela confiança e orientação, fornecendo todos os meios intelectuais para que alcançasse meus objetivos acadêmicos.

Aos professores Edvaldo Bispo e Romerito Silva, pelos momentos de coorientação e incentivo.

A minha família, pelo carinho e pelos cuidados em tornar cada dia desta jornada mais tranquilo e feliz.

Aos meus amigos, por cada momento único de risada e descontração, tanto nas horas de aflição e descontentamento quanto nas alegrias infinitas.

Aos colegas do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G – Natal), pelas contribuições acadêmicas ao longo de nossas incontáveis reuniões.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro durante o período de Mestrado.

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte e ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, pela oportunidade de realizar este trabalho.

sujeito indireto

Quem dera eu achasse um jeito
de fazer tudo perfeito,
feito a coisa fosse o projeto
e tudo já nascesse satisfeito.
Quem dera eu **visse** o outro lado,
o lado de lá, lado meio,
onde o triângulo é quadrado
e o torto parece direito.
Quem dera um ângulo reto.
Já começo a ficar cheio
de não saber quando eu falto,
de ser, mim, indireto sujeito.

Paulo Leminski

RESUMO

Este trabalho consiste em analisar os padrões de estrutura argumental em que os verbos de percepção *ver* e *olhar* podem ocorrer. Objetiva-se, especificamente, examinar a configuração argumental desses verbos, agrupando-os pelo tipo de estrutura argumental que manifestam, determinar os casos semânticos dos argumentos expressos na oração, analisar aspectos morfossintáticos e discursivo-pragmáticos desses argumentos e verificar se há relação entre um dado tipo de estrutura argumental e tipo textual. Quanto aos procedimentos metodológicos, o trabalho envolve tanto aspectos quantitativos (relativos à frequência de uso dos padrões identificados) quanto qualitativos (relacionados às motivações cognitivas e discursivo-pragmáticas implicadas no uso). Os bancos de dados tomados como fonte para análise são o *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998) e o *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011). A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos defendidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), agregando contribuições da tendência Cognitivo-funcional, defendida por Tomasello (1998). Após análise dos resultados, verificou-se que o verbo *ver* parece ser o mais prototípico – tanto na escrita quanto na oralidade – por apresentar maior frequência e por ser empregado em vários contextos, provavelmente porque a visão é o sentido mais básico do ser humano. *Olhar*, por sua vez, apareceu em uma quantidade menor de ocorrências, dependendo do sentido empregado, o que pode também caracterizar apenas uma preferência do falante. Constatou-se, assim, que, apesar de não haver diferenças na escolha entre um e outro verbo, há divergências entre fala e escrita, ou seja, os verbos de percepção em estudo formam um grupo heterogêneo.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Estrutura argumental. Verbos de percepção. Ver. Olhar.

ABSTRACT

This work consists of analyzing the argument structure patterns in which the perception verbs *ver* and *olhar* in Portuguese may occur. Aim to specifically examine the argument configuration of verbs, grouping them by type of argument structure that manifest, determine the semantic cases of arguments expressed in sentence, analyzing morphosyntactic and discursive-pragmatic aspects of these arguments and verify if there is a relationship between a given type of argument structure and textual type. As the methodological procedures, the work involves both quantitative (relating to frequency of use of the identified standards) and qualitative aspects (related to cognitive and discursive-pragmatic motivations involved in use). Databases taken as a source for analysis are the *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998) and the *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011). The research is based on the assumptions upheld by the Usage-based Functional Linguistics (LFCU), as Furtado da Cunha, Bispo and Silva (2013), adding contributions from Cognitive-functional trend, defended by Tomasello (1998). After preliminary analysis of the results, it was found that the verb *ver* (*see*) seems to be the most prototypical – both in writing and in oral – due to present more often and be used in various contexts, probably because the view is the most basic sense of the human being. *Olhar* (*look*), in turn, appeared in a smaller number of occurrences, depending on the meaning employed, which may also characterize one speaker preference. It was found, therefore, that although there are no differences in the choice between one verb and another, there are differences between speech and writing, in other words the perception verbs forms a heterogeneous group.

Keywords: Usage-based functional linguistics. Argument structure. Perception verbs. *Ver*. *Olhar*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Verbos de percepção encontrados no Banco Conversacional de Natal.....	36
Tabela 2 - Verbos de percepção distribuídos por modalidade (Corpus D&G Natal).....	38
Tabela 3 - Verbos de percepção distribuídos no continuum de abstratização (Banco Conversacional de Natal).....	40
Tabela 4 - Verbos de percepção distribuídos no continuum de abstratização (Corpus D&G Natal)	44
Tabela 5 - Padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção (Banco Conversacional de Natal).....	45
Tabela 6 - Padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção (Corpus D&G Natal)	52
Tabela 7 - Padrões de estrutura argumental com o verbo ver conforme os tipos textuais (Corpus D&G Natal)	563
Tabela 8 - Padrões de estrutura argumental com o verbo olhar conforme os tipos textuais (Corpus D&G Natal)	534
Tabela 9 - Verbos de percepção distribuídos por tipo textual (Corpus D&G Natal)	546

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	15
1.2 QUESTÕES DE PESQUISA	15
1.3 HIPÓTESES	15
1.4 OBJETIVOS	16
2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	17
2.1 ASPECTOS TEÓRICOS.....	17
2.2 CONCEITOS-CHAVE.....	19
2.2.1 Cognição	20
2.2.2 Linguagem.....	20
2.2.3 Discurso	20
2.2.4 Tipo textual	21
2.2.5 Língua.....	21
2.2.6 Gramática.....	22
2.3 CATEGORIAS ANALÍTICAS	22
2.3.1 Iconicidade	22
2.3.2 Transitividade	23
2.3.3 Prototipicidade.....	27
2.3.4 Estrutura argumental	28
2.3.5 Projeção metafórica.....	29
2.4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	30
3 ESTADO DA ARTE.....	32
4 ANÁLISE DOS DADOS	36
4.1 VERBOS DE PERCEPÇÃO <i>VER</i> E <i>OLHAR</i> NAS MODALIDADES ORAL E ESCRITA.....	36
4.2 VERBOS DE PERCEPÇÃO <i>VER</i> E <i>OLHAR</i> NUM <i>CONTINUUM</i> DE ABSTRATIZAÇÃO.....	40
4.3 PADRÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL COM OS VERBOS <i>VER</i> E <i>OLHAR</i>	44
4.4 RELAÇÃO ENTRE O TIPO DE ESTRUTURA ARGUMENTAL E O TIPO TEXTUAL.....	55

5 DISCUSSÃO DOS DADOS À LUZ DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	58
6 CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Ao longo de dois anos (2012-2013), realizamos atividades de pesquisa no âmbito da Iniciação Científica (IC), sendo o plano de trabalho executado parte do projeto *Construções de estrutura argumental*: revisitando e aprofundando a gramática da oração, coordenado pela professora Maria Angélica Furtado da Cunha, líder do Grupo de Estudos Discurso e Gramática (Grupo D&G – sede UFRN). Tal projeto consistiu na identificação dos tipos construcionais de cláusula mais frequentes em textos falados e escritos do português do Brasil, objetivando investigar as relações de herança que interligam as construções¹, nos moldes da Gramática de Construções (GC).

Durante o período como bolsista de IC, trabalhamos com alguns verbos de percepção além de *ver* e *olhar*, a exemplo de *ouvir*, *sentir*, *assistir*, sendo todos classificados como verbos de atividade mental. Foram utilizados como *corpora* as narrativas de experiência pessoal e recontada e os relatos de procedimento (partes oral e escrita), ambos produzidos por quatro estudantes do ensino médio, disponíveis no *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), além de quinze textos oriundos da revista *Isto É* (edições de 2013), contemplando cinco diferentes gêneros do discurso (editorial, carta de leitor, coluna social, entrevista e propaganda comercial), distribuídos em três textos por gênero.

No decorrer da pesquisa de IC, encontramos no *Corpus* D&G nove verbos que representam um evento mental de percepção, divididos em modalidade oral e escrita da língua portuguesa: *ver* (50 ocorrências na oralidade e 3 na escrita), *olhar* (28 ocorrências na oralidade e nenhuma na escrita), *assistir* (19 ocorrências na oralidade e 2 na escrita), *ouvir* (7 ocorrências na oralidade e nenhuma na escrita), *sentir* (7 ocorrências na oralidade e nenhuma na escrita), *avistar* (6 ocorrências na oralidade e nenhuma na escrita), *presenciar* (4 ocorrências na oralidade e 1 na escrita), *escutar* (4 ocorrências na oralidade e nenhuma na escrita) e *enxergar* (2 ocorrências na oralidade e 1 na escrita).

Verificamos que, nos textos do *Corpus* D&G Natal, o verbo *ver* parecia ser o mais prototípico, por aparecer com mais frequência tanto na oralidade quanto na escrita, no entanto, percebemos maior recorrência dele na modalidade oral, assim como de todos os outros verbos (*ver*, *olhar*, *assistir*, *ouvir*, *sentir*, *avistar*, *presenciar*, *escutar* e *enxergar*),

¹ Essa noção não será utilizada ao longo do trabalho, mas vale salientar a importância do conceito para os estudos na LFCU. Construção é definida como um pareamento forma-função, ou seja, qualquer elemento formal diretamente associado a um significado, uma função pragmática ou discursiva. Pode ser apenas uma palavra, uma expressão idiomática ou, até mesmo, padrões sintáticos abstratos, como o de movimento causado (X causa Y mover Z).

principalmente porque, nos textos analisados, as narrativas faladas são mais extensas do que as escritas, tendo em vista a situação comunicativa e o objetivo de cada texto produzido.

Quanto aos dados coletados na revista *Isto É*, encontramos 18 ocorrências com os verbos de percepção, com pelo menos uma em cada gênero, exceto no editorial: *ver* (9 ocorrências), *olhar* (4 ocorrências), *ouvir* (2 ocorrências) *enxergar*, *assistir* e *sentir* (1 ocorrência de cada verbo).

Percebemos, dessa forma, uma diferença entre as ocorrências encontradas no *Corpus D&G Natal* e as encontradas na revista *Isto É*, mas isso ocorreu, provavelmente, devido à modalidade da língua: na revista, há um processo de editoração pelo qual os textos devem passar, principalmente, dependendo do público-alvo; no caso da *Isto É*, pessoas interessadas em saber sobre qualquer notícia, pois a revista aborda desde temas relacionados à política até novidades sobre o mundo dos famosos. Esse processo confere a objetividade de que a revista necessita para que possa ser lida, ou seja, cada gênero pede uma densidade textual de acordo com o que se pretende comunicar.

Além disso, os verbos *assistir*, *presenciar* e *enxergar*, com significado próximo a *ver*, também ocorreram nos textos escritos do *Corpus D&G*, ainda que em número muito inferior. Já os demais verbos (*ouvir*, *sentir*, *avistar* e *escutar*) ocorreram apenas nos textos falados do mesmo *corpus*. Um caso constatado foi o fato de alguns de esses verbos, classificados como de percepção, terem um sujeito agente, o que caracteriza os verbos de ação, e não um sujeito experienciador, típico do verbo que representa uma atividade mental.

A respeito do verbo *ver*, por exemplo, classificado por Borba (2002) como de ação² (prototipicamente) ou de processo³, dependendo do contexto discursivo, foram encontrados os dois tipos semânticos, porém em maior número os de ação. Sobre esse ponto, chegamos aos seguintes resultados: *ver* (48 ocorrências como de ação e 5 como de processo), *olhar* (28 ocorrências como de ação e nenhuma como de processo), *assistir* (21 ocorrências como de ação e nenhuma como de processo), *ouvir* (5 ocorrências como de ação e 2 como de processo), *sentir* (7 ocorrências como de ação e nenhuma como de processo), *avistar* (6 ocorrências como de ação e nenhuma como de processo), *presenciar* (nenhuma ocorrência como de ação e 5 como de processo), *escutar* (nenhuma ocorrência como de ação e 4 como de processo) e *enxergar* (3 ocorrências como de ação e nenhuma como de processo).

² O verbo de ação se caracteriza por designar uma atividade, física ou não, realizada por um sujeito agente ou controlador. Pode designar, ainda, uma atividade mental, como sentir. (BORBA, 1996).

³ O verbo de processo expressa um evento ou uma sequência de eventos que afetam um sujeito paciente. (BORBA, 1996).

Percebemos, dessa forma, que os verbos classificados como de percepção ocorreram, em sua maioria, com um sujeito agente (ação intencional), aquele que pratica a ação expressa pelo verbo, e não com um sujeito experienciador (ação não intencional), aquele que experimenta algo, contrariando a classificação inicial.

Para o trabalho de Mestrado, decidimos acrescentar aos dados da análise os textos do *Corpus D&G Natal* produzidos por alunos da oitava série e do ensino superior, além de mais dois tipos de texto: o relato de opinião e a descrição de local. O *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011) foi adicionado à pesquisa apenas no Mestrado, visando comparar resultados entre os dados de conversa espontânea e os dados presentes no *Corpus D&G Natal*; já os textos da revista *Isto É* foram descartados.

De posse desse material, motivados pelos resultados arrolados até aqui, resolvemos analisar os padrões de cláusulas apenas com os verbos de percepção *ver* e *olhar* em textos falados e escritos. A análise dos *corpora* foi feita sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual compartilha pressupostos tanto com a Linguística Funcional norte-americana quanto com a Linguística Cognitiva.

Em linhas gerais, os verbos de percepção são aqueles centrados em sentidos que indicam uma atividade mental, ou seja, uma experiência, por isso se diz que o argumento sujeito desses verbos desempenha o papel temático⁴ de experienciador. Por esse motivo, tais verbos são classificados como de processo. Segundo Cançado (1996), o referente de tal papel temático, determinado pelo predicador, deve: (i) estar em um estado psicológico, seja no sentido estativo, seja no sentido processual de que passou por um processo de mudança para entrar nesse estado; (ii) ser animado; (iii) ser afetado por um processo e (iv) ter o controle de sua própria experiência psicológica. Dadas essas características, os verbos em questão são classificados como de processo.

Conforme Borba (1996), esses verbos expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente (quando acontece algo com o sujeito) ou experienciador (quando o sujeito experimenta algo). Outra classificação pertinente é a de Votre, Cezario e Martelotta (2004), que caracterizam os verbos de percepção como uma subclasse do grupo dos verbos proposicionais, e tal subclasse abrange os verbos *escutar*, *ouvir*, *perceber*, *compreender* e *ver*.

⁴ O papel temático é definido pela relação semântica existente entre o verbo e os diversos sintagmas que ocorrem com ele na oração. Alguns papéis temáticos são o de agente, paciente, experienciador, instrumento, meta, causador de experiência, entre outros. (PERINI, 2010).

Segundo Rocha Lima (2014), a oração é composta por uma estrutura básica de dois termos, sendo eles o sujeito (o ser de quem se diz algo) e o predicado (aquilo que se diz do sujeito). O autor não discute a distinção entre os vários tipos semânticos de verbos transitivos diretos. Dessa forma, o verbo é caracterizado apenas como palavra regente por excelência (podendo ser classificado como intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo relativo, transitivo circunstancial ou bitransitivo), que pode ser acompanhada por um complemento.

A transitividade, conforme a Gramática Tradicional, é uma propriedade inerente dos verbos, classificados como transitivos, quando acompanhados de um termo que lhes complete o sentido (objeto direto ou indireto), ou intransitivos, quando não há esse termo, e o verbo, sozinho, tem sentido completo. Em outras palavras, um verbo pode ser transitivo ou intransitivo dependendo da presença ou da ausência de um Sintagma Nominal ou de um Sintagma Preposicional. No entanto, algumas gramáticas trazem exemplos de verbos prototipicamente transitivos que podem funcionar intransitivamente, como o exemplo de Said Ali (1971), “comer e beber – comer carne, beber vinho, o doente não come nem bebe”, mencionado em um trabalho de Furtado da Cunha e Costa (2009), a respeito da interdependência dos componentes sintático, semântico e pragmático.

Em contrapartida, de acordo com Goldberg (2006), na tradição lógica, a estrutura argumental se refere ao número e ao tipo de argumento associado ao predicado. Ela afirma que a maioria dos verbos aparece em mais de uma estrutura de padrão argumental e que ligeiras diferenças de significado são claramente um fator que distingue esses padrões alternativos, algo que podemos destacar também nos padrões em que os verbos *ver* e *olhar* ocorrem. São apontadas pela autora duas questões importantes: o que determina qual padrão de estrutura argumental será realmente usado e por que as línguas fornecem a seus usuários diferentes alternativas para expressar significados semelhantes?

Para ela, a resposta está na pragmática, que, possivelmente, tem um papel importante na escolha por diferentes padrões, mas é algo pouco estudado e não imediatamente óbvio. Assim sendo, há uma distinção entre duas formas de pragmática: a não convencional e a convencional. A primeira envolve os efeitos da compreensão ou da produção de frases em contextos particulares de utilização por parte de usuários da língua, com habilidades cognitivas e de processamento que apenas os seres humanos têm. A segunda diz respeito à associação convencional de certas propriedades formais da língua, com certas restrições em contextos pragmáticos. Os efeitos desse tipo são não-necessários, ou seja, caso haja repetição

de determinadas estruturas em virtude de uma preferência do usuário da língua, pode-se esperar que essas estruturas se convencionalizem.

Furtado da Cunha (2006) expõe uma definição semelhante à de Goldberg, afirmando que a estrutura argumental representa o número de argumentos que o verbo pode (argumento opcional) ou deve (obrigatório) tomar. Por sua vez, o termo “argumento” identifica qualquer elemento sintático (sujeito, objeto direto, objeto indireto) e/ou semântico (agente, paciente, experienciador) relacionado ao verbo. Uma construção de estrutura argumental (CEA) funciona como uma subclasse das construções que fornece os meios essenciais de expressão oracional de uma língua, conforme Goldberg (1995).

No sentido central dessas construções, são codificadas cenas fundamentais à experiência humana (movimento, causação, posse, transferência, estado ou mudança de estado). Sendo assim, o verbo principal se combina com uma CEA, dando origem a um pareamento forma (morfologia, sintaxe, fonologia) – significado (semântica, estrutura informacional e/ou função discursiva e parâmetros sociais de uso), o qual é parte do conhecimento que o ser humano tem a respeito da língua.

Estudiosos da língua em uso, contudo, a exemplo de Cançado (1996) e Furtado da Cunha (2006), têm demonstrado a importância de examinar o fenômeno da transitividade e a estrutura argumental sintática e semântica de cada tipo de verbo que pode ser acompanhado de um objeto direto. Sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, assumimos que motivações de natureza cognitiva e interacional se articulam no uso discursivo dos verbos; conforme Furtado da Cunha (2006), que há um paralelismo entre a categorização conceptual e a categorização linguística, ou seja, conhecimento de mundo e conhecimento linguístico não se separam.

Baseada nos estudos de Sweetser (1990), Ibarretxe-Antuñano (1999) afirma que os verbos de percepção caracterizam um processo biológico, a partir do qual os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) auxiliam na descrição de objetos e eventos do mundo, utilizando as informações recolhidas pelo cérebro. Dessa forma, esses verbos estão estreitamente relacionados com os verbos de cognição, mas são assim denominados porque envolvem os cinco sentidos, enquanto os de cognição envolvem processos mentais ou cognitivos.

1.1 JUSTIFICATIVA

Schlesinger (1995) aborda a questão dos verbos de atividades mentais voltando-se especificamente para a categoria dos verbos de sentimento, contemplando a perspectiva cognitiva da linguagem, sem levar em conta a interacional. Trabalhos de autores como Sweetser (1990), Votre (2004), Furtado da Cunha (2006) e Lucena (2011), apresentados de forma mais detalhada no capítulo 3 (estado da arte), focalizam aspectos voltados também à língua em uso, mas sem se deterem aos padrões de estrutura argumental em que os verbos de percepção *ver* e *olhar* ocorrem e à frequência dessas ocorrências.

Após os resultados obtidos na pesquisa de Iniciação Científica, com os verbos de percepção *ver*, *olhar*, *assistir*, *ouvir*, *sentir*, *avistar*, *presenciar*, *escutar* e *enxergar*, e as considerações feitas até aqui, destacamos a necessidade de investigar de modo mais aprofundado os padrões de estrutura argumental com os verbos *ver* e *olhar* em amostras de fala e escrita da língua, levando em conta as ocorrências tanto no sentido referencial quanto no abstrato, a fim de identificar motivações para a recorrência a um ou outro padrão.

A relevância da pesquisa se dá, principalmente, em virtude da frequência com que ocorrem esses dois verbos, bem como de questões relacionadas à estrutura argumental em que os verbos *ver* e *olhar* aparecem ainda não abordadas em trabalhos que seguem a tendência funcionalista.

1.2 QUESTÕES DE PESQUISA

Durante o desenvolvimento do trabalho, pretendemos responder a algumas questões ainda não abordadas de modo específico por autores da vertente funcionalista. Dentre elas, as seguintes:

- (i) que padrões sintáticos exibem orações com os verbos de percepção *ver* e *olhar*?
- (ii) que motivações cognitivas e interacionais atuam na estruturação dos diferentes padrões sintáticos com os verbos *ver* e *olhar*?
- (iii) há relação entre um dado tipo de estrutura argumental e o tipo textual?

1.3 HIPÓTESES

Uma análise preliminar dos dados levou à formulação das seguintes hipóteses de trabalho:

- (i) os usos dos verbos *ver* e *olhar* seguem uma unidirecionalidade em termos de prototipia, do sentido referencial para o abstrato;
- (ii) os diferentes padrões sintáticos com os verbos *ver* e *olhar* expressam significados ligeiramente diferentes;
- (iii) há uma relação entre o tipo textual e os tipos de padrão de estrutura argumental.

1.4 OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é investigar os padrões de estrutura argumental em que os verbos de percepção *ver* e *olhar* podem ocorrer, em amostras falada e escrita da língua portuguesa. Esse fenômeno deve ser estudado não somente pelo fato de apresentar uma proposta diferente do tradicionalmente estabelecido, mas também por ser motivado por fatores sociointeracionais e cognitivos, ou seja, pelas situações em que se faz uso real da língua.

Listamos, a seguir, os objetivos específicos:

- (i) examinar a configuração argumental dos verbos *ver* e *olhar*, segundo o tipo de estrutura argumental que manifestam;
- (ii) analisar aspectos morfossintáticos e motivações cognitivas e interacionais dos argumentos desses verbos;
- (iii) verificar se há relação entre um dado tipo de estrutura argumental e o tipo textual.

Esta dissertação está dividida em capítulos que contemplam aspectos introdutórios, tais como resultados da pesquisa de Iniciação Científica (IC), que corroboram a escolha pelo objeto de estudo no Mestrado, os objetivos, as hipóteses, questões de pesquisa e a justificativa para a análise dos padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção *ver* e *olhar*. Além disso, nos capítulos seguintes, estão explicitados os aspectos teóricos e metodológicos adotados, bem como uma breve revisão dos trabalhos disponíveis a respeito da estrutura argumental e dos verbos de percepção. No capítulo de análise dos dados, apresentamos as ocorrências mais frequentes com os verbos *ver* e *olhar* e os padrões de estrutura argumental nos quais eles mais aparecem. Por fim, concluímos o trabalho com considerações pertinentes acerca do fenômeno investigado.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo, subdividido em quatro partes, apresentamos, primeiramente, sob o enfoque da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), os aspectos teóricos os quais embasam a dissertação. Explicitamos alguns conceitos importantes, tais como o de cognição, linguagem, discurso, tipo textual, língua e gramática, além das noções de transitividade, prototipicidade, estrutura argumental e projeção metafórica. Na última parte do capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados ao longo do trabalho, tanto no levantamento de dados quanto na tabulação e na análise dos resultados.

2.1 ASPECTOS TEÓRICOS

Neste trabalho, adotamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), ou Linguística Cognitivo-Funcional (*Cognitive-functional Linguistics*), uma vertente que reúne princípios tanto da Linguística Funcional norte-americana quanto da Linguística Cognitiva. Sendo resultado da união de pesquisas desenvolvidas por representantes funcionalistas, tais como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe e Elizabeth Traugott, e cognitivistas, a exemplo de George Lakoff, Ronald Langacker e Adele Goldberg, essa perspectiva teórica é defendida nos termos de Tomasello (1998) e Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), e designa uma tendência funcional de abordagem das línguas.

A Linguística Funcional norte-americana ganhou projeção a partir da década de 1970, com o texto de Sankoff e Brown, *The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives*, dando ênfase a pesquisas relacionadas à língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. Segundo Martelotta e Alonso (2012), Givón, influenciado pelos estudos de Sankoff e Brown, passou a dedicar-se à escrita de trabalhos antiformalistas, demonstrando que a sintaxe tem um papel, que a linguagem é uma atividade sociocultural e apresenta uma estrutura com funções cognitivas e comunicativas, daí seu caráter dinâmico, resultado da criatividade dos usuários da língua em adaptar-se aos variados contextos de comunicação. No Brasil, os estudos funcionalistas ganharam força no início dos anos 1980, com pesquisadores que também propuseram fatores de natureza comunicativa e cognitiva para interpretar o funcionamento de tópicos morfossintáticos em textos falados e escritos.

A corrente funcionalista, dessa forma, trata a língua como um instrumento de comunicação flexível e maleável, que serve para uso comunicativo em situações sociointeracionais. A gramática, por sua vez, de acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, podendo ser afetada pelo uso linguístico. Essa corrente centra-se nas relações entre forma e função, especificando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical.

Segundo Furtado da Cunha (2008, p. 163), nessa perspectiva, defende-se um vínculo entre discurso e gramática: “a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva”. Desse modo, o locutor seleciona os mecanismos (morfofossintáticos, por exemplo) adequados ao momento de comunicação com o interlocutor, conforme seus objetivos comunicativos, para que o diálogo se dê de maneira eficaz. Sendo assim, a linguagem é concebida como instrumento de interação social, e busca-se na situação comunicativa a explicação para os fatos da língua.

A Linguística Cognitiva, expressão já utilizada no campo linguístico desde os anos 1960, surgiu na década de 1970, e engloba a utilização de princípios cognitivos gerais que atuam na linguagem e em outras capacidades cognitivas, enfatizando a interação entre estrutura linguística e conteúdo conceptual, conforme Ferrari (2011). A relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição, isto é, as palavras não apresentam significados, mas orientam a construção do sentido. Assim, o significado é visto como uma construção cognitiva por meio da qual o mundo é experienciado.

Conforme a corrente cognitivista, “[...] a gramática de uma língua constitui um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas que são moldadas, mantidas e modificadas pelo uso.” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 181). Em outras palavras, a comunicação se dá numa série de movimentos feitos em conjunto pelos interlocutores a fim de que haja compreensão mútua. Segundo Tomasello (1998), todas as construções derivam de eventos ou tipos de eventos recorrentes, com relação aos quais as pessoas de uma cultura têm objetivos comunicativos recorrentes. Ou seja, há uma relação clara entre um evento e sua estrutura conceitual mental, e entre esta e a sintaxe.

A abordagem funcionalista e a cognitivista, segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), compartilham alguns pressupostos teórico-metodológicos, tais como rejeição à autonomia da sintaxe, incorporação da semântica e da pragmática às análises, relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de

comunicação e entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural.

Para produzir um texto, o falante precisa ser capaz de selecionar os arranjos adequados a uma situação específica de comunicação por meio de esquemas cognitivos de domínio geral. Isso envolve as capacidades de simbolização, de armazenamento de informação na memória, de transferência entre domínios, entre outros, conforme Martelotta (2006). Observando esses aspectos, notamos o caráter dinâmico da língua, que se ajusta a cada situação diferenciada de uso. Nessa abordagem, vemos, então, que as nossas experiências com o mundo externo nos ajudam a desenvolver e a compartilhar novas construções gramaticais; as categorias que utilizamos para classificar os objetos derivam das experiências vivenciadas no mundo.

A LFCU, como perspectiva teórica que agrega contribuições do cognitivismo e do funcionalismo norte-americano, postula que uma determinada estrutura da língua não pode ser estudada, descrita ou explicada de maneira proveitosa se desvinculada do contexto comunicativo real em que é utilizada. Assim, pretende explicar a língua com base no seu uso interacional, e concebe a gramática como resultado da estruturação de fatores comunicativos e cognitivos.

Alguns pressupostos da LFCU, conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) são: (i) a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada; (ii) a explicação sobre os fatos linguísticos, numa abordagem pancrônica deve ter como base as funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que os fenômenos linguísticos desempenham nos diversos contextos de uso da língua; (iii) a gramática é concebida como resultado da estruturação de fatores cognitivos e comunicativos da língua; (iv) reconhecimento do estatuto fundamental das funções da língua, de modo que cada entidade deve ser definida de acordo com o papel que desempenha no processo real de comunicação; (v) a investigação com dados reais de fala, levando em consideração a situação de uso real da língua.

2.2 CONCEITOS-CHAVE

A Linguística Funcional Centrada no Uso vale-se de conceitos basilares como cognição, linguagem, discurso, tipo textual, língua, léxico e gramática. Vejamos as definições a seguir.

2.2.1 Cognição

É um conjunto de operações mentais, de sistemas conectados que configuram o sistema conceitual do ser humano, a partir das experiências do indivíduo com o meio físico e sociocultural em que vive (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008). Esse sistema compreende a nossa percepção de mundo, a linguagem, a capacidade de armazenar informações na memória, os sentimentos e as sensações. Assim, a linguagem está relacionada ao pensamento e à experiência, isto é, os sentidos corporais fornecem dados do ambiente no qual vivemos e nos auxiliam a vivenciar uma experiência mais básica tomando como referência nossa estrutura corporal. Dessa forma, a mente e o corpo não estão dissociados, há um pensamento corporificado, pois a estrutura do pensamento se relaciona com a estrutura do nosso corpo e com as nossas percepções.

2.2.2 Linguagem

Com relação à língua(gem), funcionalistas e cognitivistas defendem que esta se fundamenta em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais, e não pode ser explicada apenas por uma estrutura biológica básica, de acordo com Martelotta e Alonso (2012). Por isso, há a necessidade de ser analisada em uso, levando em conta aspectos como conceitualização, categorização⁵, processamento mental⁶, interação e experiências com o mundo sociocultural e individual. A linguagem está associada à cognição, no sentido de que se relaciona com o pensamento e com a experiência, auxiliando-nos a comunicar de forma compartilhada nossas vivências, num processo de produção de sentido em que há negociação entre falante e ouvinte.

2.2.3 Discurso

A LFCU entende o discurso como a construção e a troca intersubjetiva de sentido, isto é, qualquer ato motivado de produção e compreensão de enunciado, um conjunto de estratégias empregadas pelos falantes para organizar o texto de forma que o ouvinte o compreenda em uma situação intercomunicativa. Os usuários da língua atribuem sentido ao

⁵ Um dos processos cognitivos da LFCU que dá conta de aspectos internos e externos do sistema linguístico, a categorização diz respeito à semelhança que ocorre quando palavras e sintagmas e suas partes componentes são reconhecidas e associadas a representações armazenadas. (FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013).

⁶ O processamento mental diz respeito às atividades envolvidas na produção de uma mensagem e em sua decodificação. (BYBEE, 2010).

mundo, expressam suas intenções comunicativas por meio de construções linguísticas. No momento em que o discurso é produzido ou compreendido, para a corrente cognitivista, nos movemos através de espaços simulados e mudamos pontos de vista e perspectivas (DUQUE; COSTA, 2010). Por meio de estruturas cognitivas (frames⁷, por exemplo), organizamos nosso conhecimento de mundo e realizamos uma troca intersubjetiva de sentidos. Duque e Costa (2011) afirmam que uma possibilidade de caracterizar esse ato interacional entre informação especificamente linguística e estruturas e processos de domínios gerais é através da simulação. Essa hipótese demonstra que a linguagem explora diversas redes neurais acionadas na percepção, na ação, na imaginação, na memória, entre outros processos. Percebemos, então, que as estruturas linguísticas recorrem às estruturas de base corporificada, e que, dessa forma, há uma relação nítida entre estruturas linguísticas e outros processos cognitivos e sensório-motores.

2.2.4 Tipo textual

Marcuschi (2008) define sistematicamente tipo textual como uma espécie de sequência linguística subjacente ao texto, identificada por aspectos de sua composição, tais como lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas e estilo. É um modo textual limitado que abarca as categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Neste trabalho, este conceito se faz relevante uma vez que o *Corpus D&G Natal* contempla os tipos textuais narrativo, descritivo e injuntivo.

2.2.5 Língua

De acordo com Bybee (2010), a língua é um sistema adaptativo complexo, que apresenta relativa estabilidade, isto é, tem padrões regulares dependentes da necessidade intercomunicativa de seus usuários. Na língua, podem acontecer mudanças em determinados itens, sejam eles lexicais ou gramaticais, ou seja, uma forma pode adquirir nova função, mostrando que a estrutura não é rígida. O uso em situação de interação demanda também que se acionem operações cognitivas, tais como elaboração e processamento de informação, atribuição de sentido, inferenciação⁸, entre outras. Para a LFCU, o foco está na

⁷ O *frame* é uma espécie de enquadre, é um sistema estruturado do conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado com base nos esquemas de experiências, conforme Ferrari (2011).

⁸ A inferência consiste numa estratégia que exige processamentos cognitivos os quais manipulam pistas textuais deixadas pelo leitor, a fim de chegar à compreensão do texto.

interdependência forma-função, buscando, por meio das situações reais de uso da língua, a explicação para uma codificação morfossintática de determinado fenômeno.

2.2.6 Gramática

A gramática é compreendida como um sistema de conjuntos simbólicos utilizado na produção e na organização do discurso, um conjunto de princípios de adaptação contextual, de convenções que resultam de motivações de natureza distinta, sobressaindo-se as pressões do uso (FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013). É maleável, uma vez que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Há um elo entre gramática e uso que se concretiza na relação falante e ouvinte, os quais passam a negociar o sentido de forma interativa, num movimento de criação e resposta ao contexto. Conforme a Linguística Funcional, a gramática não pode ser desvinculada do discurso e suas regras são modificadas pelo uso. A partir do caráter dinâmico que a linguagem apresenta, manifesta-se a noção de gramática emergente, uma gramática que resulta da criatividade dos usuários da língua, das motivações que levam os padrões linguísticos e gramaticais a emergir, se moldar e se regularizar, cristalizando-se na gramática, dentro do discurso, com uma finalidade pragmático-discursiva.

2.3 CATEGORIAS ANALÍTICAS

Para aprofundar a investigação sobre os padrões de estrutura argumental, utilizamos as categorias analíticas iconicidade, transitividade e prototipicidade, bem como as noções de estrutura argumental e projeção metafórica.

2.3.1 Iconicidade

A iconicidade está ligada a uma correlação entre forma e função, ou seja, é algo motivado entre o código linguístico e seu *designatum* (GIVÓN *apud* FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013, p. 22). A língua é organizada da mesma forma que o ser humano conceitualiza o mundo, dessa forma, a estrutura de determinada construção reflete a estrutura do conceito expresso. No entanto, essa correlação nem sempre é nítida, podendo ser arbitrária, causando a impossibilidade de se estabelecer a conexão entre o plano da expressão e o conteúdo, isto é, algumas estruturas exibem um grau de opacidade acentuado em relação aos papéis que desempenham, por exemplo, os marcadores conversacionais *bom, aí, tá?*.

Conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Givón selecionou três subprincípios básicos da iconicidade: quantidade, proximidade e ordenação linear.

O subprincípio da quantidade está relacionado à questão de que quanto maior for a quantidade de informação maior será a quantidade de forma para codificá-la. Sendo assim, um conceito expresso por uma estrutura complexa é cognitivamente mais complexo do que um conceito expresso por uma estrutura gramatical mais simples. Um exemplo desse subprincípio está nas palavras derivadas, que são estruturalmente maiores do que aquelas que as originam: *mar > marítimo > marinheiro*. Além disso, Givón aponta que quanto mais imprevisível for uma informação para o interlocutor maior será a quantidade de forma a ser utilizada e vice-versa (FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013).

O subprincípio da proximidade diz respeito ao fato de conceitos mais integrados no plano cognitivo também se apresentarem com maior grau de aderência morfossintática. Dessa forma, elementos semanticamente juntos tendem a aparecer próximos um do outro na cláusula (BYBEE apud FURTADO DA CUNHA, BISPO e SILVA, 2013, p. 24). Um exemplo disso aparece em uma ocorrência do *Corpus D&G Natal*, mencionada em Costa (2000):

- (1) Há pouco tempo atrás, dois bárbaros assassinatos, o da atriz Daniela Perez e o da menina que foi queimada pelos sequestradores ressuscitou a polêmica da Pena de Morte. (*Corpus D&G*, p. 321)

No caso exposto em (1), percebemos a ausência da concordância verbal em virtude da distância estrutural entre sujeito e verbo. Isso acontece, segundo Costa (2000), por ter sido inserida uma estrutura apositiva entre eles, dificultando a integração, não ocorrendo a flexão verbal, por conseguinte.

O subprincípio da ordenação linear se caracteriza por dois pontos: (i) a informação tópica tende a vir em primeiro lugar (o sujeito normalmente ocupa a primeira posição) e (ii) a ordem das orações no discurso segue a sequência temporal em que os eventos são conceitualizados. A frase “*vim, vi, venci*” exemplifica essa sequência de eventos.

2.3.2 Transitividade

O evento transitivo, segundo Slobin (1982), apresenta traços prototípicos, os quais percebemos em uma situação tipicamente prototípica. Ele pode ser definido como um evento

em que um agente animado causa, através do contato corporal, alguma mudança física e perceptível no paciente, conforme o excerto (2).

(2) ela era acostumada ... assim ... a beber né ... bebia muito uísque esse tipo de coisa ...
(*Corpus D&G*, p. 131)

Esses eventos são mais salientes à percepção humana, segundo o autor, e por isso são codificados muito cedo, ainda na fase infantil, para depois serem codificados eventos menos salientes.

Sob a ótica de Givón (2001), a transitividade é um fenômeno sintático-semântico, ou seja, o evento transitivo prototípico é definido pelas propriedades semânticas do agente, paciente e verbo na oração-evento, sendo elas: (i) agentividade (um agente intencional, ativo); (ii) afetamento (um paciente concreto, afetado); (iii) perfectividade (um evento concluído, pontual). O autor enfatiza que esses traços semânticos são uma questão de grau e, por isso, os verbos transitivos podem ser subclassificados de acordo com a mudança física no estado do paciente. São apresentados pelo autor alguns exemplos da língua inglesa, os quais apresentam objetos que podem ser classificados da mesma forma se traduzidos para a língua portuguesa, como podemos ver em (3), (4), (5) e (6).

(3) *He built a house.*
(Ele construiu uma casa)

(4) *They demolished the house.*
(Eles demoliram a casa)

(5) *They moved the barn.*
(Eles mudaram o celeiro)

(6) *She kicked the wall (foot).*
(Ela chutou a parede) (pé)

Em (3), há um objeto criado; em (4), um objeto totalmente destruído; há uma mudança de lugar do paciente em (5), e uma mudança com um instrumento implicado em (6). Furtado da Cunha e Souza (2011) apresentam os exemplos de Givón (2001) e explicam que, mesmo os verbos que pertencem sintaticamente a um determinado grupo, por apresentarem sujeito e

objeto, podem se afastar de um evento transitivo prototípico, tanto em questão de grau de afetamento do objeto quanto em questão de sujeito-agente.

(7) *She swam the Channel* (= swim across the Channel)

(Ela nadou o Canal) (= nadar através do Canal)

(8) *She entered the house* (= go into the house)

(Ela adentrou a casa) (= ir para dentro da casa)

Nas orações em (7) e (8), percebe-se que o sujeito, ao realizar um movimento espacial, codifica um objeto direto superficial (“o Canal” e “a casa”) que funciona como ponto de referência locativo indicado pelo uso da preposição (*across* = através e *into* = para dentro). O falante, ao codificar esses eventos com um objeto direto, salienta uma mudança no objeto, o qual passa a ser considerado mais relevante para a realização do evento do que se fosse simplesmente um ponto de referência locativo. Assim, em (7), há não só uma passagem pelo canal, mas sim uma conquista dele, e em (8), há o movimento de ocupar uma casa antes vazia, não apenas mover-se para dentro de um ambiente.

Há também casos em que o sujeito do verbo transitivo se desvia do sujeito prototípico. Tais casos costumam ocorrer com verbos de cognição, sensação, de volição, em que não se registra uma mudança observável no objeto. Os verbos *ver*, *ouvir*, *saber*, *entender*, *querer*, *sentir* fazem parte dessa classe que se aproxima semanticamente mais dos verbos de estado do que dos de ação, conforme mostrado nas ocorrências de (9) a (14).

(9) 086 F3 o cara ()...

087 quando o cara caiu...

088 eu vi quando o cara caiu...

089 teve um cara...

090 que caiu e quebrou a cabeça...

091 F1 foi?

092 F2 não [()...]

093 F3 [o cara caiu...]

(Banco Conversacional de Natal, p. 167)

(10) aí ele foi lá com ... foi lá com o velho né ... investigou ... investigou e num ... não achou ... aí voltou pra casa ... aí ele ouviu umas pancadas lá dentro da casa do velho né ...

resolveu à noite ir lá na casa do velho pra saber o que era aquilo ali né ... (*Corpus D&G*, p. 07)

(11) 218 F6 eu disse a você...
 219 que ia ser uma pisa...
 220 quando eu vi o jogo...
 221 quando vi o jogo eu digo...
 222 “já sei que é uma pisa...”
 223 eu sei tudo quando o jogo num presta...
 224 tem (conversa) não...
 (Banco Conversacional de Natal, p. 183)

(12) Em seguida eu contei outro filme que eu gostei muito e que na primeira vez que eu assisti no cinema e que fiquei lá atrás, e estava sem os óculos, mas não queria admitir que não enxergava bem, e não entendi nada do filme. (*Corpus D&G*, p. 125)

(13) 1185 ela fez...
 1186 “eu não...”
 1187 “um vou perguntar não...”
 1188 “eu quero o dinheiro pra comprar um computador...”
 1189 num sei o quê...
 1190 eu disse...
 1191 “é...”
 (Banco Conversacional de Natal, p. 161)

(14) o grande tcham da ... da viagem foi a chegada no Rio Grande do Sul ... porque a última escala o ... eles avisam né? dessa última escala estamos chegando em Porto Alegre ... e eu senti uma alegria tão grande ... um ... um ... uma ... era como se eu retornasse a uma terra que eu nunca encon/ que eu nunca tinha deixado de estar lá ... (*Corpus D&G*, p. 41)

Nas ocorrências apresentadas de (9) a (14), há um sujeito-experienciador, que é responsável por registrar, cognitivamente, uma mudança, isto é, ele passa por alguma experiência. Ocorre, assim, uma extensão metafórica em que esses verbos passam a ser parte da classe transitiva prototípica, sendo o sujeito ou o agente ou o experienciador, e o objeto tomado como afetado pela ação verbal.

2.3.3 Prototipicidade⁹

O ser humano tende a agrupar as entidades semelhantes conforme a capacidade de memória, sendo possível agrupar coisas para falar do mundo, em vez de criar uma infinidade de categorias, uma vez que poderia ocasionar um excesso de informação a ser processada e armazenada.

A prototipicidade reflete propriedades inerentes da percepção humana na categorização de objetos, assim, cada protótipo possibilita a realização de tarefas inferenciais ou imaginativas sobre uma determinada categoria; as coisas percebidas são distribuídas num *continuum* categorial.

A teoria dos protótipos, que tem Wittgenstein como um dos precursores, propõe a ideia de que categorizar uma entidade não significa saber que ela possui uma determinada característica ou não, mas sim perceber quão aproximada ela é das dimensões propostas como ideais. Algumas entidades podem compartilhar atributos em comum, constituindo-se como protótipos de sua categoria, outras podem compartilhar apenas alguns, constituindo-se como elementos marginais da categoria. Em outras palavras, ao ser escolhido como membro que reúne o maior número de propriedades as quais caracterizam determinada categoria, o protótipo define a classificação das demais categorias com base no grau de semelhança.

Essas categorias exemplares, construídas por meio da experiência, apresentam efeitos prototípicos quando derivadas de um pertencimento graduado a uma determinada categoria, algo que pode acontecer pela interação entre duas dimensões da categorização: a semelhança e a frequência. Isso significa que quanto mais atributos em comum uma entidade apresentar com o que for proposto como ideal para aquela classe, e quanto mais vezes esses atributos aparecerem, isto é, quanto mais frequentes forem em determinada entidade, mais facilmente tal entidade será identificada como o protótipo.

Um exemplo desse compartilhamento de atributos é a categoria mamífero: pela experiência de mundo, facilmente conseguimos identificar um gato ou um leão como membros centrais dessa categoria, em virtude de apresentarem um conjunto de características que nos permitem colocá-los nessa classe (morfologia e hábitos). Entretanto, ao mencionarmos peixe-boi ou morcego, por exemplo, estes não serão facilmente associados a tal categoria, por afastarem-se perceptualmente desse modelo, isto é, por possuírem

⁹ A noção de prototipicidade está relacionada à ideia de categorização proposta pela Linguística Cognitiva. Não iremos nos deter neste trabalho à categorização, uma vez que não se configura como uma noção pertinente para a análise dos dados coletados.

características que não são comuns aos mamíferos, tais como ter nadadeiras e viver na água (peixe-boi) e ter asas e ser voador (morcego).

Neste trabalho, aplicamos, então, essa noção de prototipicidade para identificar qual é o padrão de estrutura argumental mais prototípico em que os verbos de percepção *ver* e *olhar* aparecem, com base nas ocorrências encontradas e analisadas.

2.3.4 Estrutura argumental

A estrutura argumental diz respeito à relação entre o verbo e seus argumentos, isto é, ao número e ao tipo de argumento que um predicado pode admitir. Consideramos nessa relação dois aspectos: (a) quantidade de argumentos e (b) caso dos argumentos, os quais podem assumir vários papéis semânticos (cf. nota de rodapé 2, p. 15). Assim, essa estrutura focaliza as relações gramaticais dos argumentos e os papéis semânticos atribuídos a eles (FURTADO DA CUNHA, 2006).

As línguas tendem a possuir três categorias diferentes de relações gramaticais nucleares, sendo elas o sujeito, o objeto direto e o objeto indireto. Essa quantidade se deve, provavelmente, à limitação cognitiva humana em identificar os papéis dos participantes e a quantidades destes em uma dada situação comunicativa. Ou seja, para que não haja sobrecarga na mente humana, há duas ou três categorias necessárias para preencher os papéis dos participantes diferentes no momento da interação. Sendo assim, de acordo com Furtado da Cunha e Costa (2009), possivelmente, a estrutura argumental dos verbos é um tipo de conhecimento que o usuário adquire à medida que aprende a usar sua língua. Vejamos a ocorrência (15):

(15) Ele vê o filme um... entendeu... ele tá vivendo dentro do filme um... de volta para o futuro um... (*Corpus D&G*, p. 85)

Nesse caso, temos uma estrutura argumental composta pelo argumento sujeito, “ele”, com um predicado representado pelo verbo transitivo direto, “vê”, além do SN definido como objeto direto, “o filme”. O papel semântico expresso pelo sujeito é o de experienciador, ou seja, que passa pela experiência de assistir a um filme.

Interessa-nos aqui investigar e analisar a estrutura argumental com os verbos de percepção *ver* e *olhar*, para, então, definir quais padrões são mais recorrentes.

2.3.5 Projeção metafórica

Os seres humanos vivenciam as experiências físicas e sociais por meio da estrutura e do movimento corporal; sendo assim, há uma verticalidade ao experienciar os fatos do mundo e transmiti-los pela linguagem, ou seja, o nosso pensamento é corporalizado. A metáfora é, no nível da linguagem, a representação de um fenômeno que realiza operações entre domínios cognitivo-conceituais, conforme a abordagem centrada no uso, imprescindível no processamento mental e na significação comunicativa. Nessa linha de raciocínio, o pensamento é imaginativo, pois os conceitos que não estão na raiz da nossa experiência são empregados por meio de metáforas, metonímias e imagens mentais as quais ultrapassam o sentido considerado literal, referencial. Tal capacidade permite que o ser humano abstraia o pensamento e interprete os acontecimentos além do que pode ver e sentir. Segundo Lakoff e Johnson (1999), ocorrem mapeamentos entre domínios conceituais, nas metáforas comuns, em que determinadas noções de um domínio são projetadas em outro.

Para a LFCU, a metáfora é uma projeção de domínios, pois utiliza um conceito de base mais concreta, vinculado à experiência sensório-motora, num contexto abstrato, assumindo tal conceito uma nova função gramatical, conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013). Em suma, na metáfora ocorre uma projeção de dois domínios conceptuais, o domínio origem (de natureza concreta e experiencial) e o domínio alvo (de caráter abstrato). O mapeamento entre os conceitos que constituem a metáfora nos permite entender melhor o domínio alvo com base no domínio origem.

A noção de metáfora se aplica, no caso deste trabalho, às ocorrências em que os verbos de percepção são usados em sentido abstrato, isto é, àquelas que ultrapassam o uso mais prototípico do verbo (o sentido referencial). Observemos o excerto (16):

(16) teve uma discussão lá pra ver se colocava um cara no lugar de Ribamar ou se não ... se o plenário na sessão indicava a pessoa e tudo mais ... (*Corpus D&G*, p. 81)

Em (16), o verbo *ver* é usado, por meio da extensão semântica, no sentido de pensar a respeito de algo, examinar, avaliar, metaforicamente, implicando um processo mental que envolve a capacidade cognitiva do usuário da língua.

Portanto, a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso e as noções e categorias analíticas expostas na seção 2.3 (Categorias analíticas) serviram de base, como veremos na seção 2.4 (Aspectos metodológicos), para a investigação e a análise detalhadas

dos padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção *ver* e *olhar*. Consideramos, assim, fatores semânticos, pragmáticos e discursivos para a explicação do fenômeno empírico.

2.4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa se configura como básica, pois consiste na aquisição de conhecimentos a respeito das motivações por trás da recorrência a um ou outro padrão de estrutura argumental com os verbos de percepção *ver* e *olhar*, sem finalidades práticas ou imediatas.

Utilizamos o método científico abduutivo, visando alcançar um produto posterior (um determinado padrão mais recorrente) ao trabalho de coleta de dados particulares. Assim sendo, ancoradas nos pressupostos teóricos funcionalistas, buscamos a observação e a análise de determinadas ocorrências que confirmem as hipóteses levantadas no início do trabalho.

O trabalho envolve tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos. Este último aspecto está relacionado ao viés explicativo da pesquisa, no sentido de elucidar motivações cognitivas e discursivo-pragmáticas implicadas na recorrência a um ou outro padrão de estrutura argumental com os verbos de percepção *ver* e *olhar*. A natureza quantitativa relaciona-se à quantidade de dados levantados nos *corpora* (estes foram levantados manualmente, apenas com o auxílio dos arquivos em computador), os quais dão conta da realidade empírica do fenômeno investigado, de sua caracterização e de sua frequência de uso, portanto, de natureza descritiva.

Ao longo do período de levantamento dos dados, fizemos a tabulação das orações com os verbos transitivos de percepção *ver* e *olhar*, de acordo com o número de participantes expressos e suas características morfossintáticas e discursivo-pragmáticas, identificamos os padrões de estrutura argumental de que esses verbos participam, separamos a quantidade de ocorrências em tabelas e analisamos esses padrões.

O banco de dados tomado como fonte para análise é o *Corpus Discurso & Gramática*: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), bem como o *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011). Sendo parte de um conjunto de banco de dados coletados em diferentes lugares do país (Rio Grande, no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, em Minas Gerais, e Natal), o *Corpus D&G* pertence ao gênero entrevista monitorada, no qual o informante detém a maior parte do turno, evitando interrupções do entrevistador. Os participantes foram previamente instruídos a escolher o assunto da conversa de cada coleta, resultando em cinco tipos textuais diferentes:

narrativa de experiência pessoal (NEP), narrativa recontada (NR), relato de procedimento (RP), descrição de local (DL) e relato de opinião (RO).

Na NEP, o informante narrava um fato que tivesse marcado a vida dele; na NR, narrava uma história detalhada a respeito de um filme ou um livro que conhecesse e de que tivesse gostado; na DL, descrevia algum local que conhecesse bem, e no RP e no RO, respectivamente, relatava o procedimento de algo que soubesse fazer e a opinião acerca de um tema previamente estabelecido na entrevista.

Os textos foram produzidos por estudantes de níveis de escolaridade diferentes (superior, médio e 8ª série do fundamental), sendo quatro a quantidade de pessoas por grupo (duas do sexo masculino e duas do sexo feminino), totalizando doze informantes. Cada um produziu dez textos, sendo cinco na modalidade oral e, a partir desses, cinco na modalidade escrita, para que fosse feita uma comparação entre os dois canais.

Quanto ao Banco Conversacional, ele é composto de vinte conversas sobre temas variados e representa uma amostragem diversificada que fotografa usos da língua em situações de fala espontânea. Os eventos foram registrados em recintos onde as pessoas se reúnem e a atenção não esteja voltada diretamente à linguagem, mas à atividade interacional em curso.

Com o objetivo de verificarmos a relação entre tipo textual e padrões de estrutura argumental mais frequentes, escolhemos os dois *corpora*, contemplando dois tipos de gênero, a conversa informal e a entrevista monitorada, com diversidade temática e nas distintas modalidades (fala e escrita).

3 ESTADO DA ARTE

Neste capítulo, interessa-nos discorrer a respeito de alguns trabalhos que focalizam aspectos relacionados à estrutura argumental oracional, bem como trabalhos em que são abordados os verbos de atividades mentais, especificamente os verbos de percepção, mas que não abarcam questões pontuais a respeito da estrutura argumental e os verbos de percepção *ver* e *olhar*.

Sweetser (1990) aponta em seu trabalho questões relativas à estrutura semântica dos verbos de percepção em inglês num contexto indo-europeu. Ela procura explicar o que conecta um significado a outro e de que forma a mudança semântica ocorre, de como um elemento do domínio concreto torna-se associado a um significado abstrato específico e de como os significados deslocam-se dentro de um mesmo domínio (concreto ou abstrato, nas palavras da autora).

Sweetser apresenta a questão da metáfora da mente-como-corpo (*mind-as-body metaphor*), com base em Kurath (1921), o qual afirma que as palavras indo-europeias utilizadas para representar emoções são frequentemente derivadas de palavras referentes a ações ou sensações físicas que acompanham as emoções relevantes ou os órgãos do corpo afetados por reações físicas. Dessa forma, há uma inseparabilidade entre as sensações físicas e as reações emocionais, ou seja, o estado emocional deriva de mudanças físicas e, conseqüentemente, o ser humano consegue transmitir tais mudanças por meio da linguagem.

Na visão da autora, essa metáfora é provavelmente motivada por correlações entre a nossa experiência externa e nossos estados emocionais e cognitivos internos, mas apenas essas correlações não explicam os padrões de polissemia e de mudança semântica. A experiência corporal é uma fonte de vocabulários para nossos estados psicológicos, mas não o contrário.

A respeito dos verbos de percepção, a autora expõe um mapeamento de rotas históricas dentro e fora do domínio de percepção física em inglês, mostrando como características dos cinco sentidos do corpo humano (visão, audição, olfato, paladar e tato) podem influenciar e auxiliar na descrição de eventos que nos cercam. Assim, ela descreve duas características importantes dos verbos de visão, sendo elas: (i) as fontes semânticas comuns para verbos de visão, os quais nos interessam aqui, são a natureza física da vista (luz, olhos, movimento facial) e as metáforas da visão (toque físico, manipulação, monitoramento visual, controle), e (ii) os verbos de visão comumente desenvolvem sentidos abstratos de atividade mental (conhecimento, intelecção, “visão” mental).

Finalmente, a autora aponta como uma de suas conclusões que o vocabulário da percepção física nos mostra conexões metafóricas sistemáticas com o vocabulário de sensações internas, e que essas conexões não são aleatórias, mas altamente motivadas por áreas análogas de sensação física e interna.

Schlesinger (1995), por sua vez, chama de verbos mentais os verbos que envolvem algum sentimento. Nesse trabalho, ele aborda questões relativas a esses verbos, em inglês, sob um viés cognitivista da linguagem. São mostrados dois tipos de estrutura da frase em que um verbo mental pode aparecer: as frases em que o sujeito se refere ao estímulo da experiência (*Stimulus of the experience*) e as frases em que o sujeito é o experienciador (*Experiencer*). Os verbos em que o sujeito funciona como estímulo da experiência são *fascinar, irritar, chatear* e *causar* (emoção), e os verbos em que o sujeito funciona como experienciador são *respeitar, gostar, odiar, admirar* e *detestar*. Por fim, o autor afirma que não há necessidade de uma nova categoria para acomodar as estruturas de que um verbo mental participa.

O trabalho de Rost (2002) aborda a expansão semântico-pragmática e a mudança categorial dos verbos de percepção *ver* e *olhar*, numa perspectiva sincrônica, com amostras da fala sulista coletadas do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul). A autora analisa, sob a ótica funcionalista, a atuação dos dois verbos (de um sentido mais referencial para um mais abstrato) apenas na função de marcador discursivo, tomando como ponto de partida somente os usos imperativos (incluindo alterações fonéticas) correspondentes à segunda pessoa do discurso.

Votre (2004) trata da gramaticalização, apresentando a integração sintática e semântica na complementação verbal. Ele afirma que esse processo se dá de forma unidirecional e que as construções com encaixamento de subordinadas reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio são mais integradas do que as construções produzidas com o *quod* (que) e delas se originam. Trabalhando com a gramaticalização na complementação verbal como foco da análise, o autor classifica os verbos em três grupos, sendo eles proposicionais, manipulativos (emotivos) e efetivos, e faz um apanhado dos sentidos de alguns desses verbos ao longo do tempo, num estudo de caráter diacrônico.

As listas iniciais desses verbos incluem subclasses, a saber: (i) proposicionais: de enunciação, argumentação, certeza epistêmica, percepção, verificação, inferência, persuasão epistêmica, incerteza epistêmica, ansiedade epistêmica; (ii) emotivos: de desejo, psicológico, pretensão, pressão explícita, sugestão, causação forte; (iii) efetivos: habilitativo, obrigação, negativo, experimental, insucesso, êxito, persistência, reiterativo, progressivo, cessativo, inceptivo, perfectivo.

O autor utiliza o *Corpus D&G/Rio* de Janeiro como banco de dados, pois acredita na maior confiabilidade que ele pode oferecer no momento da comparação entre mecanismos de codificação de fala e de escrita, em virtude de o mesmo falante produzir o mesmo texto nas versões oral e escrita. Ao longo do trabalho, Votre faz um apanhado das trajetórias de gramaticalização dos verbos proposicionais *pensar*, *achar*, *saber* e *ver*. Esses dois últimos, nos quais ele se detém mais, possuem uma trajetória de derivação semântica semelhante desde o latim até a concepção atual. A respeito do verbo *ver*, nosso foco neste trabalho, o autor mostra que deriva do latim *videre* e significava “ver”, “perceber pela vista”, “dispor de”, “ser testemunha de”, “avistar”, “presenciar”, “assistir”. O verbo *ver* deixou de representar apenas percepção corporal e passou a coocorrer com o processo de percepção mental, por meio da transferência metafórica, significando também “notar”, “perceber com a mente”, “ter visão”, “compreender”, “ver com os olhos do espírito”, “julgar”, “determinar”.

O autor conclui o trabalho afirmando que *saber* e *ver* podem ser encontrados em contextos adotando traços do sentido mais antigo de um e de outro e que *saber* está mais gramaticalizado do que *ver*, uma vez que faz parte das categorias verbais proposicional e efetiva, coexistindo as duas formas desde o português arcaico. Outro ponto conclusivo é que as construções com infinitivo são menos transparentes do que as construções com o conectivo *que*, pois trazem a informação de maneira mais compacta. Embora aponte resultados significativos, Votre mostra que há ainda necessidade de refinar e aperfeiçoar os estudos na área.

Os trabalhos de Furtado da Cunha (2006), de Araújo e Furtado de Cunha (2007) e de Lucena (2011) são essenciais porque fornecem contribuições a respeito da estrutura argumental e da análise dos objetos das orações sob o enfoque dos pressupostos da Linguística Funcional, corrente teórica em que se fundamenta este trabalho. O primeiro trabalho aborda a relação gramatical objeto direto, a fim de analisar diferentes manifestações discursivas desse elemento. A proposta da autora é um tratamento gradiente dessa relação, por meio de uma escala que ordena os objetos conforme o grau de prototipicidade. Em Araújo e Furtado da Cunha (2007), o enfoque recai especificamente sobre a estrutura argumental dos verbos de ação. Os autores analisam os aspectos sintáticos e semânticos dos argumentos expressos nas estruturas em que esses verbos aparecem, algo semelhante à análise apresentada no capítulo 4 deste trabalho.

Em Lucena (2011), a proposta é similar à de Furtado da Cunha (2006) e visa observar, por meio de dados reais da língua, os atributos do objeto direto (OD) prototípico, bem como restrições da estrutura argumental, como o fato de que as orações tendem a se restringir à

presença de um sintagma nominal (SN) lexical que ocupa, preferencialmente, a posição de objeto. Tais restrições não são categóricas, e sim variáveis no uso da língua.

Ao longo da análise, a autora divide os verbos por tipos semânticos (ação-processo, ação, estado e processo), apresenta a codificação morfológica do OD (SN lexical e SN pronominal), como também analisa a frequência de distribuição dos papéis temáticos do OD (paciente, tema, estativo, estímulo) e o *status* informacional do OD (novo, dado, disponível e inferível). Ao final, ela assevera que o OD prototípico combina os atributos seguintes: pragmaticamente, é uma informação nova; semanticamente, é paciente; sintaticamente, é codificado como SN pleno alinhado à direita do verbo. Dessa forma, ela confirma que a distribuição do OD na escala de prototipicidade é um fenômeno fluido que ocorre em termos de grau.

A tese de doutorado de Silva (2012) analisa como o corpo está implicado na gramática das línguas em geral e como está implicado em conceptualizações de noções abstratas por meio de extensão metafórica. O trabalho investiga os deslizamentos funcionais dos verbos de percepção *ver*, *olhar*, *ouvir*, *escutar*, *cheirar*, *sentir*, *saborear* e *provar* no *corpus* do Fala Goiana e em *corpora* complementares como o do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), o do Grupo D&G, da internet e um *Corpus* Não Sistematizado.

Apesar de compartilhar algumas noções e pressupostos da mesma corrente teórica, além de determinados pontos de análise similares, o trabalho de doutorado de Silva adota uma visão cognitivista como norteadora da análise e visa a uma investigação ampla da fala de diversos lugares do Brasil, enquanto este adota uma perspectiva funcional centrada no uso e limitada à fala de Natal.

Os trabalhos listados nesta seção servem como ponto de partida para investigar de modo mais aprofundado a estrutura argumental, especificamente com os verbos de percepção *ver* e *olhar*, tendo em vista que ainda há questões a serem respondidas no âmbito funcionalista da linguagem.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos duas partes referentes aos resultados encontrados ao longo da pesquisa de Mestrado. A primeira diz respeito aos resultados¹⁰ quantitativos encontrados nos *corpora* utilizados, o *Banco Conversacional de Natal* e o *Corpus D&G Natal*. A segunda parte refere-se à apreciação qualitativa dos dados, à luz dos pressupostos teóricos funcionalistas apresentados no capítulo 2, levando em consideração aspectos morfossintáticos e discursivo-pragmáticos das ocorrências coletadas, a fim de discorrer acerca dos padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção *ver* e *olhar* que aparecem com mais frequência, bem como os motivos para tais resultados.

4.1 VERBOS DE PERCEPÇÃO *VER* E *OLHAR* NAS MODALIDADES ORAL E ESCRITA

Após a varredura dos *corpora*, encontramos os resultados expostos nas Tabelas 1 e 2, as quais dão conta da quantidade de ocorrências com os verbos de percepção *ver* e *olhar* nas modalidades oral e escrita da língua portuguesa.

Tabela 1 - Verbos de percepção encontrados no *Banco Conversacional de Natal*

Verbo	Ver	Olhar
Total	279	148

Fonte: autoria própria

A Tabela 1 mostra a quantidade de ocorrências encontradas no Banco Conversacional de Natal: ao todo, foram 279 com o verbo *ver* e 148 com o verbo *olhar*. Esse *corpus* retrata uma situação de interação, de momentos informais de conversação, com bastante hesitação por parte dos falantes, principalmente nas conversas em que há mais de dois participantes interagindo, palavras várias vezes repetidas e tomada de turno por parte do ouvinte. A quantidade de ocorrências é superior com o verbo *ver*, o qual implica captar uma imagem por meio dos olhos, provavelmente em virtude da forma como utilizamos nosso corpo para descrever as situações físicas e perceptuais pelas quais passamos, ou seja, geralmente tomamos a visão como base para descrição dos eventos do mundo. *Olhar* também implica a ação de ver algo, dessa forma, a escolha por um ou outro verbo, provavelmente pode se dar em virtude apenas da preferência do falante naquele momento de interação.

¹⁰ Desconsideramos aqui as ocorrências em que os verbos *ver* e *olhar* aparecem com alterações fonéticas na função de marcador discursivo.

O dicionário Houaiss (2015) aponta 14 acepções para o verbo *ver*, sendo a principal “perceber pela visão, enxergar”, e 9 para o verbo *olhar*, sendo a principal “dirigir os olhos a ou fixá-los em (algo, alguém, si mesmo ou mutuamente)”. Percebemos, assim, que o verbo *ver* nos apresenta algumas possibilidades a mais de sentido do que *olhar*, o que pode também caracterizar, possivelmente, a preferência do falante a qual nos referimos.

Além disso, segundo Silva (2011), no português brasileiro, a diferença entre os dois verbos pode ser observada apenas, em alguns contextos, pelo traço não volicional de *ver* e o volicional de *olhar*, ou seja, geralmente, quando o verbo *olhar* é seguido da preposição *para*, podemos notar o traço de volição em evidência, implicando a ação de um agente sobre um objeto paciente¹¹. Observemos as ocorrências em (17) e (18).

(17) 1846 F4 porque eu num gostava mais dele...

1847 aliás...

1848 eu vi a namorada de Josiel...

1849 é uma feia...

1850 horrorosa...

1851 você precisa ver...

1852 [parece uma bruxa...]

(Banco Conversacional de Natal, p. 244)

(18) 324 F1 (é filho) de pobre mesmo...

325 e Juninho acordou de meia-noite...

326 até as três horas chorando...

327 aí tirei as fraudas dele...

328 olhei se era formiga... ((risos))

329 alguma coisa... ((risos))

330 ele chorando...

331 num parava menina...

332 “não...”

333 “não sei o que é não...”

334 e eu morrendo de sono...

(Banco Conversacional de Natal, p. 318)

¹¹ Não analisamos neste trabalho os papéis semânticos, mas julgamos relevante comentar essa diferença a título de conhecimento.

Em (17), o sujeito relata, durante uma conversa com as amigas, que viu, isto é, percebeu pela visão, a namorada de algum conhecido. Nesse caso, ela não apenas avistou a moça, mas fez uma avaliação de sua aparência, afirmando ser feia, horrorosa, e que a outra pessoa envolvida na conversa deveria comprovar o que ela diz, verificando que está falando a verdade (“você precisa ver...”). Há, nesse caso, duas acepções para o verbo *ver*, sendo uma relacionada a um sentido mais referencial (perceber pela visão) e a outra concernente a um sentido mais abstrato (verificar, comprovar). Já na oração em (18), uma mãe, preocupada com o choro incessante do filho, procura, aplicando o sentido da visão, se há alguma formiga no corpo do bebê.

Na Tabela 2, temos a quantidade de dados distribuída nas modalidades oral e escrita da língua portuguesa. Com o verbo *ver*, verificamos que há 296 ocorrências na modalidade oral, enquanto há apenas 29 na escrita. Com o verbo *olhar*, o número é inferior: 139 ocorrências na oral e somente 6 na modalidade escrita. Essa diferença considerável entre as modalidades da língua dá-se, possivelmente, pelo caráter mais sintético da escrita em relação à fala, exigindo mais objetividade do falante/escrevente, uma vez que os textos versam sobre o mesmo assunto ou fato.

Tabela 2 - Verbos de percepção distribuídos por modalidade (*Corpus D&G Natal*)

Verbo Modalidade	Ver		Olhar	
	Oral	Escrita	Oral	Escrita
Total	296	29	139	6

Fonte: autoria própria

Outro ponto relevante diz respeito à quantidade de informação em cada situação de interação no *Corpus D&G Natal*: na oralidade, por ser uma situação mais informal, o falante provavelmente sente-se mais à vontade para falar, retomar alguma informação perdida ou corrigir algo que tenha ficado confuso para o ouvinte. Contudo, em se tratando da escrita, situação em que há um certo grau de formalidade, o falante torna-se mais sucinto, apresentando as informações com objetividade, de forma a veicular apenas o que é necessário ao entendimento do leitor. Vejamos as ocorrências (19) e (20).

(19) sempre todo congresso tem uma nova eleição ... né ... e nesse ... sim ... tava tendo lá ... né ... a gente tinha uma chapa que de última hora desistiu um cara lá ... Ribamar ... aí desistiu e começou a eleger ... quer dizer ... teve uma discussão lá pra ver se colocava um

cara no lugar de Ribamar ou se não ... se o plenário na sessão indicava a pessoa e tudo mais ... e teve uma pessoa que chegou para mim e perguntou ... “Gerson ... você aceita ficar no cargo e tudo” num sei que ... eu disse ... “não ... num aceito não porque ... eu num tô achando que ... acho que num tô preparado para esse cargo não” ... no entanto ... eu tinha vontade de participar e tudo ... fiquei arrependido de ter dito ... né ... porque também num gosto de ser muito convencido não ... sabe ... eu pensei em dizer ... “não ... pode botar que eu quero e sou capaz de fazer isso” ... num gosto de ser assim não ... mas ... aí fiquei na minha ... né ... aí daqui a pouco um cara que num ... que não ... me perguntou se eu queria ou não ... chegou e indicou ... “eu indico o nome de Gerson e tudo ... da igreja do Satélite” ... tudo mais ... e ... eu fiquei calado também num recusei né ... num recusei em público e tudo fi/ aceitei a ... o cargo ... o cargo ... aí depois foi votado com outro menino lá ... Edirlei ... e eu findei ganhando ... acabei ganhando o cargo e tudo ... (*Corpus D&G*, p. 81, oral)

(20) Por ter início na quinta-feira, à noite, nós não tivemos muito o que fazer no mesmo dia. Na sexta-feira pela manhã nós tivemos grupos de interesses, com assuntos diferentes, à nossa escolha e também c/ preletores diferentes. Os assuntos dos grupos foram: Bíblia ler, viver e crescer; O Espírito Santo à luz da Bíblia; a Bíblia no contexto social de hoje e Bíblia, estudo e crescimento. Como se vê, o congresso deu ênfase a vida do jovem e o estudo da Bíblia. Fiquei feliz, ou melhor, ficamos felizes, porquê a nossa Igreja conseguiu 1o lugar no "vestibular bíblico" e 2o lugar no concurso da "Unijovem padrão". (*Corpus D&G*, p. 140, escrita)

Em (19) e (20), o informante narra a experiência pessoal pela qual passou ao participar de um evento religioso. Percebemos que em (19) ele dispõe as informações sem tanta preocupação com as escolhas lexicais, intercalando a fala dele com a de outra pessoa que estava na situação narrada, provavelmente para que o entrevistador acompanhe a situação de maneira mais detalhada possível. Notamos, inclusive, uma linguagem mais despreocupada, por tratar-se de uma situação de interação informal, no caso, uma entrevista. Em (20), podemos observar uma preocupação do informante com a linguagem, evitando as marcas da oralidade (“né”, “num”), as reduções (“tava tendo lá ...”) e as hesitações (“tudo fi/ aceitei a ... o cargo ...”), além da preocupação em ser sucinto, caracterizando o caráter mais sintético e objetivo da escrita.

4.2 VERBOS DE PERCEPÇÃO VER E OLHAR NUM CONTINUUM DE ABSTRATIZAÇÃO

Neste tópico, apresentamos as tabelas com as quantidades de ocorrências referentes aos verbos de percepção encontrados no Banco Conversacional de Natal e no Corpus D&G Natal, distribuídos num *continuum* de abstratização. Isso significa que as ocorrências estão separadas conforme o sentido do verbo, desde o mais prototípico, o sentido referencial, até o mais abstrato, esvaziado semanticamente, o marcador discursivo, e uma estrutura completamente preenchida, como a expressão idiomática¹². A Tabela 3 traz a quantidade de ocorrências encontrada no Banco Conversacional de Natal, distribuídas em um *continuum* de abstratização.

Tabela 3 - Verbos de percepção distribuídos no *continuum* de abstratização (*Banco Conversacional de Natal*)

	Verbo	Ver	Olhar
Continuum de abstratização	Sentido referencial	115	39
	Sentido abstrato	124	22
	Marcador discursivo	25	78
	Expressão idiomática	15	9
	Total	279	148

Fonte: autoria própria

Verificamos que as ocorrências com o verbo *ver* são em maior número nos sentidos abstrato (124) e referencial (115). Possivelmente, aquelas em que o verbo *ver* ocorre com sentido abstrato são em maior quantidade em virtude de a visão ser o sentido mais metaforizado, uma vez que tomamos nosso corpo de maneira vertical (de cima para baixo) para nos auxiliar na descrição dos acontecimentos, isto é, os olhos são utilizados como base para percepções físicas e sensoriais.

As ocorrências com o verbo *olhar* como marcador discursivo mostram-se bastante expressivas relacionadas àquelas com o verbo *ver*, possivelmente por uma questão de estilo do falante. Quando os verbos aparecem como expressões idiomáticas, provavelmente, acontece o mesmo.

¹² De acordo com Bybee (2010), expressões idiomáticas se convencionalizam e constituem um tipo específico de expressão pré-fabricada porque possuem um significado não literal.

A visão, segundo Sweetser (1990), também pode estar abstratamente ligada ao domínio do conhecimento, da inteligência, do controle e da manipulação. As ocorrências (21) e (22) podem ilustrar os dois sentidos.

(21) 0638 F1 quando ela disse...
 0639 “vim lhe fazer uma visita...”
 0640 eu disse...
 0641 “diga logo (o que é)...”
 0642 F4 ô... ((risos))
 0643 F2 eu não consigo mais viver assim...
 0644 [está tão frio sem o seu calor...] ((música))
 0645 F5 pra vocês ver como solidão é ruim viu...]
 0646 quando eu fico sozinha...
 0647 lá palitando os dente...
 0648 num vem um nem dizer assim...
 0649 “mainha boa-noite...”
 (Banco Conversacional de Natal, p. 217)

(22) 0817 F3 [(eu falo)] com todo mundo...
 0818 F2 () que ela também tem uns momentos...
 0819 F1 falar F3...
 0820 todo mundo [fala...]
 0821 F3 [só] que tem uns...
 0822 que eu num vou com a cara...
 0825 F1 F3 ela é assim...
 0826 à primeira vista que ela vê uma pessoa...
 0827 ela () não...
 0828 ela faz um julgamento...
 0829 entendeu?
 (Banco Conversacional de Natal, p. 96)

Na ocorrência (21), o falante conversa a respeito do tratamento que recebe na condição de mãe, utilizando *ver* no sentido abstrato, isto é, ela afirma que os filhos um dia também poderão perceber, sentir como é viver na solidão. Nesse excerto, podemos observar que o sentido é metafórico, tendo em vista que a solidão é um sentimento, algo que não pode ser tocado, nem visto de forma concreta, mas sim sentido, sendo ligado ao campo das emoções.

Sendo assim, esse verbo está relacionado não só ao domínio físico, mas também ao domínio mental.

Na ocorrência (22), o verbo *ver* ocorre em um sentido referencial, de perceber pela visão. O falante, no evento linguístico denominado “cursinho”, explica que, em determinada situação, uma pessoa conhecida dele, ao ver alguém pela primeira vez, já faz um julgamento sobre ela. A expressão “à primeira vista” nos faz perceber que o contato entre as duas pessoas se deu de forma superficial, apenas por meio da visão como órgão de percepção física, sem transferência para um outro domínio. Nesse caso, (22), o verbo também poderia indicar conhecer alguém, não somente enxergando os atributos físicos da pessoa, mas percebendo, através do domínio mental, seu comportamento.

O verbo *olhar*, por sua vez, que provém do latim *oculare*, e no português contemporâneo significa “dirigir os olhos a” ou “fixá-los em algo ou alguém”, “fitar os olhos em”, aparece mais vezes como marcador discursivo (78), elemento linguístico de interação interpessoal que serve tanto para chamar atenção para algum assunto dentro da conversa, uma retomada, quanto para marcar apenas que há uma interação entre falante e ouvinte, auxiliando na organização da fala. O mesmo acontece com o verbo *ver*, que também tem um número expressivo de ocorrências (25) como marcador discursivo. Observemos as ocorrências (23) e (24) com *veja bem* e *olhe* na função de marcador discursivo.

(23) 1483 Veja bem...
 1484 F2 [é nada...]
 1485 F2 [aonde?]
 1486 F1 [entendeu?] na página set/oitenta...
 1487 está representado no signo...
 (Banco Conversacional de Natal, p. 44)

(24) 437 F4 tu acha?
 438 aí pronto...
 439 tá a confusão...
 440 aí graças a Deus...
 441 a mãe de um telefonou agora...
 442 dizendo que ia levar eles pra praia...
 [...]
 aí quer que Felipe venha pra aqui...
 465 eu disse...

466 “meu filho...”
 467 “vá pra lá...”
 468 “vá pra lá...”
 469 “que (Cristiane...)”
 470 “(até ia) achar ótimo se você for pra lá...”
 471 a/aí ele num quer ir...
 472 pra lá...
 473 só quer que ele venha pra aqui...
 474 e pra aqui num dá...
 475 pra mim ficar olhando né?
 476 por que...
 477 no dia que eles vêm...
 478 eu tenho que parar tudo...
 479 pra prestar atenção né?
 480 num posso... ((risos))
 481 e é viu...
 482 F3 olhe...
 483 vai te/]eu vou dar duas opções a você...
 484 você vai escolher uma das duas...
 485 ou você vai pra casa de Felipe...
 486 ou você vai com painho...
 487 lá pra o negócio de Tianna...
 488 lá pra o aniversário do menino...
 (Banco Conversacional de Natal, p. 176)

Em (23), o verbo *ver* perde o valor semântico original e passa a ter um valor pragmático, ou seja, um valor derivado do uso em virtude da necessidade de marcar a situação de interação. *Veja bem* é utilizado pelo falante, nesse caso, numa tentativa de não se comprometer com a informação dada, apenas para marcar uma incerteza sobre algo que será explicado, sendo a fala mais orientada para o próprio falante, mesmo sendo também orientada para o ouvinte, ainda que de forma menos visível. Assim sendo, o marcador parece assumir uma função que visa amenizar a responsabilidade do falante sobre a informação dada, mas sem perder sua marca imperativa de convocar o interlocutor a prestar atenção à sua fala.

Em (24), há uma espécie de advertência do falante à declaração anterior do interlocutor. O uso de *olhe* como marcador discursivo sugere uma estratégia comunicativa que chama o ouvinte para a conversa, de certo modo em um tom imperativo, para que ele perceba

algo que será relatado, no caso, em (24), as opções disponíveis para alguém escolher (“[...] ou você vai pra casa de Felipe... ou você vai com painho [...]”).

Na Tabela 4, apresentamos o quantitativo referente aos verbos de percepção encontrados no *Corpus D&G Natal*.

Tabela 4 - Verbos de percepção distribuídos no *continuum* de abstratização (*Corpus D&G Natal*)

	Verbo	Ver		Olhar	
	Modalidade	Oral	Escrita	Oral	Escrita
<i>Continuum de abstratização</i>	Sentido referencial	169	16	80	3
	Sentido abstrato	112	12	0	1
	Marcador discursivo	6	0	58	1
	Expressão idiomática	9	1	1	1
	Total	296	29	139	6

Fonte: autoria própria

Ver e *olhar* estão distribuídos no *continuum* de abstratização de acordo com a modalidade da língua: no sentido referencial, as ocorrências são em maior quantidade na oralidade, tanto para o verbo *ver* (169) quanto para *olhar* (80). No entanto, na modalidade escrita, esse número é bastante inferior, corroborando nosso argumento de que essa prática exige objetividade na distribuição das informações. Essa divergência se repete nos outros casos do *continuum*.

Quanto às ocorrências no sentido abstrato, percebemos uma diferença bastante significativa entre *ver* (112 – oralidade/12 – escrita) e *olhar* (0 – oralidade/1 – escrita). Isso acontece, provavelmente, em virtude de o falante preferir utilizar a opção que, geralmente, é a mais prototípica, a primeira opção de verbo de percepção, o verbo *ver*.

4.3 PADRÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL COM OS VERBOS *VER* E *OLHAR*

Com relação aos padrões encontrados nos *corpora* e distribuídos nas tabelas, com suas respectivas quantidades de ocorrências, temos sete, sendo eles: (i) sujeito + verbo de percepção + sintagma nominal (objeto direto explícito); (ii) sujeito + verbo de percepção + sintagma nominal + (zero anafórico); (iii) sujeito + verbo de percepção + sintagma nominal (zero inferível); (iv) sujeito + verbo de percepção + objeto direto oracional; (v) sujeito +

verbo de percepção + sintagma preposicional; (vi) objeto direto + verbo de percepção + sujeito; e (vii) objeto direto + sujeito + verbo de percepção.

A Tabela 5 apresenta a quantidade de ocorrências encontradas no Banco Conversacional de Natal relacionada aos padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção *ver* e *olhar*. Nas quantidades apresentadas nas Tabelas 5, 6, 7 e 8, desconsideramos as ocorrências em que esses verbos funcionam como marcador discursivo e expressão idiomática¹³.

Tabela 5 - Padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção¹⁴ (*Banco Conversacional de Natal*)

	Verbo	Ver	Olhar
Padrão de estrutura argumental	S + Vperc + SN (OD explícito)	58	21
	S + Vperc + SN (zero anafórico)	107	27
	S + Vperc + SN (zero inferível)	6	0
	S + Vperc + OD oracional	66	10
	S + Vperc + SPrep	0	3
	OD + S + Vperc	2	0
	Total	239	61

Fonte: autoria própria

Os argumentos presentes nesses padrões são sujeito, sintagma nominal, o qual pode ser um objeto direto explícito, um zero anafórico (diz respeito aos objetos contextualmente dados ou recuperáveis), um zero inferível (diz respeito aos objetos previstos apenas pela estrutura semântica do verbo) ou um objeto direto oracional, e sintagma preposicional.

O fato de o sujeito aparecer na maioria das ocorrências ocupando a posição inicial da estrutura argumental se deve a um dos aspectos do subprincípio da ordenação linear: a informação tópica tende a vir primeiro.

¹³ Desconsideramos nesses casos as ocorrências com os verbos *ver* e *olhar* como marcador discursivo e como expressão idiomática, uma vez que perdem seu valor semântico pleno e adquirem um valor pragmático, passando a funcionar como uma marca de interação (marcador) e como um tipo de expressão pré-fabricada (expressão idiomática). Seus usos dependem da escolha do falante em um determinado contexto sociocomunicativo.

¹⁴ Sujeito (S), verbo de percepção (Vperc), sintagma nominal (SN), sintagma preposicional (SPrep) e objeto direto (OD).

Verificamos, dessa forma, que as ocorrências com quantidade mais expressiva representam o padrão S + Vperc + SN (zero anafórico), tanto com o verbo *ver* quanto com o *olhar*. Conforme Du Bois (2003), a estrutura argumental somente apresenta um SN lexical por oração, o qual ocupa, preferencialmente, a posição de objeto. Entretanto, essa posição pode variar nas situações de uso da língua, isto é, não há uma classificação categórica. Vejamos as ocorrências retiradas do Banco Conversacional de Natal.

(25) 0928 F1 mas tem gente que de tanto fazer a barba...
 0929 vai ficando azulado né?
 0930 F4 é:: hum...
 0931 F1 não fica com o rosto normal...
 0932 [né a pele...]
 0933 F4 [o meu não] fica azuladinho...
 0934 F1 quando você tira a gente vê igual...
 0935 F4 por que o meu...
 0936 a genética é boa... ((risos) ((F3 tossindo))
 (Banco Conversacional de Natal, p. 297)

(26) 095 F1 o que que ela mandou fazer?
 096 F2 ela mandou a gente...
 097 porque...
 098 as unidades de medida dum exercício...
 099 que ela passou...
 100 [estavam trocados...]
 101 F3 [é...]
 102 [é libra...]
 103 F2 libra...
 104 tá vendo?
 105 tavam trocados as [unidades de medida...]
 106 aí você tinha que colocar o certo...
 107 F3 [de medida...]
 108 F1 sim...
 109 F2 aí eu fui lá olhar...
 110 tinha...
 111 tinha...
 112 o objeto não corresponde...

(Banco Conversacional de Natal, p. 193)

Em (25), o sujeito (“a gente”) conversa com alguém a respeito do ato de fazer a barba e, em determinado momento, não se tem a necessidade de retomar constantemente o objeto da oração (“quando você tira a gente vê igual...”). Dessa forma, o ouvinte logo recupera do que se trata, uma vez que a informação foi textualmente dada em outro momento (“mas tem gente que de tanto fazer a barba... vai ficando azulado né?”).

Na ocorrência (26), temos também um caso do padrão S + Vperc + SN (zero anafórico), mas com o verbo *olhar*. O sujeito (“eu”), numa conversa a respeito de uma aula de francês, questiona as amigas quanto a um exercício passado pela professora (“aí eu fui lá olhar...”). Assim como em (25), o falante não precisa retomar várias vezes o tópico da conversa, tendo em vista que já foi dado contextualmente em outros momentos (“porque... as unidades de medida dum exercício... que ela passou... [estavam trocados...] [...] aí você tinha que colocar o certo...”). Em outras palavras, o objeto zero anafórico de “olhar” seria o “exercício” que a professora passou e que precisou ser consultado.

Podemos constatar, então, que o padrão S + Vperc + SN (zero anafórico) ocorre mais vezes pelo fato de que, provavelmente, o falante e o ouvinte negociam discursivamente, na situação de interação, a necessidade de retomada detalhada ou não de um referente, mesmo com o excesso de informação que pode aparecer, criando novos tópicos de conversa. Há uma tendência da manutenção do tópico, estando o zero anafórico sempre à direita do verbo. Dessa forma, percebemos que o ser humano é capaz de retomar vários tópicos dentro de uma conversação, conforme o interesse das pessoas que fazem parte da situação comunicativa.

Quanto aos demais resultados, temos o seguinte: as ocorrências com os verbos *ver* e *olhar* também aparecem em quantidade significativa nos padrões S + Vperc + OD oracional e S + Vperc + SN (OD explícito), sendo 66 e 58 com *ver* e 21 e 10 com *olhar*, respectivamente. Observemos os exemplos (27) a (30).

(27) 077 F2 é ô:...
078 arquibancada tá (grande)...

079 era tudo junto...

080 ABC com América...

081 mas...

082 CHI:...
083 F1 você foi?

084 F2 não...
 085 num sou doido... ((risos))
 086 F3 o cara ()...
 087 quando o cara caiu...
 088 eu vi **quando o cara caiu...**
 089 teve um cara...
 090 que caiu e quebrou a cabeça...
 (Banco Conversacional de Natal, p. 167)

(28) 1210 F5 [não] minha filha...
 1211 eu num quero um abrigo...
 1212 eu já me vi na minha adolescência...
 1213 foi o casamento desastrado que eu tive
 1214 e me trancaram...
 1215 F1 então eu acho que isso é trauma () não?
 1216 F5 e me trancaram bem novinha...
 1217 eu só via **teto e céu...**
 1218 e/e o chão...
 1219 é...
 1220 aí eu num quero mais abrigo não...
 (Banco Conversacional de Natal, p. 230)

(29) 324 F1 (é filho) de pobre mesmo...
 325 e Juninho acordou de meia-noite...
 326 até as três horas chorando...
 327 aí tirei as fraudas dele...
 328 olhei se era formiga... ((risos))
 329 alguma coisa... ((risos))
 330 ele chorando...
 331 num parava menina...
 332 “não...”
 333 “não sei o que é não...”
 334 e eu morrendo de sono...
 335 aí foi que Carlos lembrou...
 336 “isso é a vitamina...”
 337 aí fiz a vitamina dele...
 (Banco Conversacional de Natal, p. 318)

- (30) 0869 F1 eu deixo o gato aqui...
 0870 deixo Adelino ali...
 0871 mas eu venho de instante instante...
 0872 olhar o gato...
 0873 porque ele é muito abestalhado...
 0874 alguém leva o bichinho e ele num vê...
 0875 F4 eu ta/eu tava justamente vindo pegar o gato...
 0876 pra ficar aqui...
 0877 F1 por sorte...
 0878 porque se dependesse da sua atenção...
 (Banco Conversacional de Natal, p. 154)

As ocorrências em (27) e (29) ilustram o caso dos verbos *ver* e *olhar* no padrão S + Vperc + OD oracional. A primeira apresenta o argumento sujeito “eu”, o verbo de percepção “vi” no sentido referencial, isto é, ele percebeu por meio da visão que um jogador havia caído no momento da partida, e o argumento OD oracional “quando o cara caiu”. A segunda dispõe de um argumento sujeito “eu”, o qual não está explícito na oração, mas podemos inferir pelo contexto da conversa, do verbo de percepção “olhei” no sentido referencial, indicando aplicar o sentido da visão para verificar o motivo de a criança estar chorando, e do argumento OD oracional “se era formiga”.

As ocorrências (28) e (30), por sua vez, ilustram o caso dos verbos *ver* e *olhar* no padrão S + Vperc + SN (OD explícito): em (27), temos o argumento sujeito “eu”, o verbo de percepção “via” no sentido referencial, ou seja, o sujeito percebia algo pela visão, e o argumento OD explícito “teto e céu”; no outro caso, temos o argumento sujeito “eu”, o verbo de percepção “olhar” também no sentido referencial, de observar, e o argumento OD explícito “o gato”.

Quanto às ocorrências nos padrões de estrutura argumental com os verbos *ver* e *olhar* que pouco apareceram, vejamos as ocorrências (31) a (33).

- (31) 1021 F2 você gosta de chimarrão?
 1022 F3 gosto...
 1023 F1 [mentira...]
 1024 ela disse que num gostava não...
 1025 F3 [eu gosto...]

1026 eu gosto...

1027 F1 quando eu morava em Minas Gerais ()...

1028 assim...

1029 ela fez...

1030 “eu num gostava não daquele gosto [de (de mato)...]”

1031 F3 [mentira F1...]

1032 F2 [vamos ver...]

1033 vamos ver se ela...

1034 você tem...

1035 você tem uma bomba?

1036 F3 eu tinha...

1037 mas ()...

1038 não...

1039 a bomba eu tenho...

1040 [eu num tenho a cuia...]

(Banco Conversacional de Natal, p. 101)

(32) 0197 F4 [eu também tratei ela bem...]

0198 quando ela se hospedou muito bem na minha casa...

0199 F5 deixe de ser ruinzinha...

0200 F1 agora se eu tivesse uma sobrinha...

0201 que não gostava de mim...

0202 eu num olhava nem **pra cara** da ()...

(Banco Conversacional de Natal, p. 207)

(33) 379 F5 o Corvo:::...

380 o/é/ o Último dos (caras::) e o Corvo...

381 F4 aí:::...

382 ur menino assistiu ontem joia...

383 F2 lindo:::...

384 F pois num vou mais assistir não...

385 quando acaba o filme eu vou [querer ()...]

386 F4 [pois quando] você assistir...

387 eu vou querer ele...

388 mas Josilene disse...

389 você...

390 você ia...

391 mas eu num assisti aquele não...
 392 F1 mas eu aluguei duas vezes...
 393 F4 mas às vezes você aluga assim sozinha...
 394 e aí eu num tenho tempo...
 [...]
 405 F1 **o Piano** eu vi bem [()...]
 (Banco Conversacional de Natal, p. 268)

Em (31), notamos um padrão de estrutura argumental com o verbo *ver* em que o argumento se classifica como zero inferível, ou seja, apenas pela estrutura semântica do verbo podemos inferir que se trata de verificar, comprovar se, de fato, a moça com quem o falante interage gosta de chimarrão. Em outras palavras, é possível percebermos isso por meio das pistas que o falante dá ao longo da conversa, por exemplo, quando ele decide ir em busca materiais que provavelmente servem para fazer a bebida sulista. Quanto ao argumento sujeito, temos “nós”, sujeito desinencial (no auxiliar de algo futuro), mas inferível em virtude da quantidade de pessoas envolvidas na conversa (“vamos ver se ela...”).

Na ocorrência (32), observamos um padrão de estrutura argumental com o verbo *olhar* exigindo a preposição *para*. Nesse caso, temos o argumento sujeito “eu”, o verbo “olhava”, no sentido referencial dirigir o olhar para alguém ou para algum local (direção), e o sintagma preposicional “pra cara da ()”. Podemos inferir pelo contexto que a lacuna se trata da sobrinha já mencionada em “agora se eu tivesse uma sobrinha...” ou, possivelmente, o falante iria utilizar algum termo similar, talvez agressivo, para referir-se ao parente, tendo em vista a situação discutida na conversa.

Já em (33), temos um padrão que pouco apareceu nos dados analisados, OD + S + Vperc, composto pelo argumento sujeito “eu”, pelo verbo “vi” no sentido referencial, indicando assistir a algo, nesse caso, assistir a um filme, e pelo argumento codificado como OD “o Piano”. Isso aconteceu em virtude de a estrutura argumental preferida pelo falante codificar um SN alinhado à direita do verbo, obedecendo sintaticamente à ordem direta S + V + O¹⁵, o que não aconteceu em (33) devido à topicalização do OD, que se tratava de uma informação nova.

Na Tabela 9, também distribuimos os dados conforme os padrões de estrutura argumental, mas, dessa vez, com as ocorrências encontradas no *Corpus D&G Natal* e divididas nas modalidades oral e escrita.

¹⁵ S (sujeito), V (verbo) e O (objeto).

Tabela 6 - Padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção (*Corpus D&G Natal*)

	Verbo	Ver		Olhar	
	Modalidade	Oral	Escrita	Oral	Escrita
Padrão de estrutura argumental	S + Vperc + SN (OD explícito)	100	13	13	0
	S + Vperc + zero anafórico	63	5	36	2
	S + Vperc + SN (zero inferível)	25	1	4	0
	S + Vperc + OD oracional	89	8	2	1
	S + Vperc + SPrep	0	0	25	1
	OD + S + Vperc	4	1	0	0
	Total	281	28	80	4

Fonte: autoria própria

Os padrões S + Vperc + SN (OD explícito) e S + Vperc + SN (OD oracional) apareceram em mais ocorrências com o verbo *ver*, enquanto com o verbo *olhar* o padrão S + Vperc + SN (zero anafórico) apresentou mais ocorrências. Possivelmente, essa escolha se dá porque, cognitivamente, é mais fácil complementar a oração com uma informação codificada como OD explícito, um complemento mais prototípico. Do ponto de vista pragmático, a oração tende a selecionar um termo com informação nova, e este é geralmente codificado como objeto¹⁶.

O padrão S + Vperc + Sprep, segundo mais frequente com *olhar*, merece destaque, tendo em vista que o próprio verbo exige um complemento de direção preposicional. No caso das ocorrências encontradas, o complemento é *para*, conforme os dados que serão mostrados na seção de discussão de resultados e já previamente discutidos (cf. Tabela 5).

A Tabela 7 ilustra a quantidade de ocorrências dos padrões de estrutura argumental com o verbo *ver* encontrados no *Corpus D&G Natal* relacionados aos tipos textuais.

¹⁶ A questão do OD foi discutida de maneira mais detalhada na seção 4.5.

Tabela 7 - Padrões de estrutura argumental com o verbo *ver* conforme os tipos textuais (*Corpus D&G Natal*)

	Tipo textual	NEP	NR	DL	RP	RO
Padrão de estrutura argumental	S + Vperc + SN (OD explícito)	22	36	21	6	28
	S + Vperc + SN (zero anafórico)	5	25	5	8	25
	S + Vperc + SN (zero inferível)	8	2	4	4	8
	S + Vperc + OD oracional	16	28	9	20	24
	OD + S + Vperc	1	0	2	0	2
	Total	52	91	41	38	87

Fonte: autoria própria

Verificamos, novamente, que os padrões mais recorrentes são aqueles que apresentam como complemento o OD explícito, o zero anafórico e o OD oracional, conforme as ocorrências (34) a (36).

(34) ele manda parar o carro ... e vai atrás ... quando ele vai atrás ele vê **apenas um gato** ... (*Corpus D&G*, p. 144)

(35) e de repente ... eles ouvem ... um ruído ... esse ruído era uma onça ... que vinha dentro da mata né ... as folhas secas ... aí eles ... sem saber o que é ... e ao mesmo tempo querendo ir ver ... mas ao mesmo tempo com medo ... sem saber né ... (*Corpus D&G Natal*, p. 153)

(36) aí todo mundo que tava escondido voltava de uma vez ... porque era o lugar nos mato aí dava pra se esconder ... era gostoso por causa disso ... com o tempo ... que viram **que o pessoal gostava muito de banho** ... né ... aí proibiram a cachoeira ... proibiram a barragem ... (*Corpus D&G Natal*, p. 32)

Os casos em (34) a (36) ilustram os padrões mais frequentes em que o verbo de percepção *ver* ocorre. Constatamos, dessa forma, que a estrutura argumental preferida pelos falantes, provavelmente é a que tem um complemento explícito, seja ele um OD oracional ou

não, seguida daquela que não o explicita verbalmente, mas que o torna recuperável com base em outros momentos do texto, conforme um acordo estabelecido entre os participantes da situação comunicativa.

A Tabela 8, assim como a Tabela 7, expõe resultados acerca dos padrões de estrutura argumental encontrados no *Corpus D&G Natal*. Tais padrões são com o verbo *olhar* e a quantidade de ocorrências aponta uma diferença significativa relacionada aos padrões mais recorrentes em que o verbo *ver* aparece.

Tabela 8 - Padrões de estrutura argumental com o verbo *olhar* conforme os tipos textuais (*Corpus D&G Natal*)

	Tipo textual	NEP	NR	DL	RP	RO
Padrão de estrutura argumental	S + Vperc + SN (OD explícito)	2	2	1	5	3
	S + Vperc + SN (zero anafórico)	8	12	0	6	12
	S + Vperc + SN (zero inferível)	1	3	0	0	0
	S + Vperc + OD oracional	0	1	0	2	0
	S + Vperc + SPrep	10	4	1	4	7
	Total	21	22	2	17	22

Fonte: autoria própria

Verificamos, nesse caso, que a maioria dos casos é composta pelo verbo *olhar* usado como marcador discursivo, conforme já exposto na Tabela 7, a respeito do *continuum* de abstratização, isto é, o marcador se comporta como uma expressão esvaziada semanticamente, sendo uma estrutura diferente das demais encontradas e apresentadas na Tabela. Observemos as ocorrências (37) e (38).

(37) enquanto eu tô varrendo a casa ... se ... eu me lembrar que tem alguma coisa no fogo ... porque eu sou assim ... aí eu vou olhar ... aí eu ... fica lá num sabe? (*Corpus D&G*, p. 166)

(38) só um pouquinho de ciúme ... vai ... não aquele ciúme doentio ... que é ... assim né?
 “pra onde você vai? você tá olhando pra onde? você tava olhando pra aquela menina?”
 (*Corpus D&G*, p. 167)

Ainda que com uma quantidade menor de ocorrências, os padrões mais frequentes em que o verbo *olhar* aparece são S + Vperc + SN (zero anafórico), como no caso (37), e S + Vperc + SPrep, conforme (38). Assim como nas quantidades expostas anteriormente na Tabela 11, os interlocutores parecem interpretar mais facilmente aquele padrão em que o complemento não precisa estar codificado textualmente a cada vez que se retomar determinado assunto. Em (37), percebemos que não há necessidade de o informante explicitar verbalmente/textualmente o que ele tem de conferir todas as vezes que está fazendo alguma atividade doméstica; isso acontece porque o relato diz respeito apenas a um assunto (o modo de fazer macarrão) durante toda a entrevista, trata-se de um procedimento explicado de forma objetiva, sem necessidade de retomada constante. Na ocorrência (38), temos o complemento de direção *para*, que indica exatamente o foco do olhar do informante ao narrar determinada situação pela qual passou.

4.4 RELAÇÃO ENTRE O TIPO DE ESTRUTURA ARGUMENTAL E O TIPO TEXTUAL

Na Tabela 9, apresentamos a quantidade de ocorrências referente aos verbos de percepção *ver* e *olhar* encontrados no *Corpus D&G Natal* conforme o tipo textual.

Tabela 9 - Verbos de percepção distribuídos por tipo textual¹⁷ (*Corpus D&G Natal*)

	Verbo	Ver		Olhar	
	Modalidade	Oral	Escrita	Oral	Escrita
Tipo textual	NEP	46	6	41	0
	NR	79	14	31	2
	DL	39	3	3	1
	RP	42	1	28	0
	RO	90	5	36	3
	Total	296	29	139	6

Fonte: autoria própria

Primeiramente, é necessário mencionarmos que o relato e a narração, de um modo geral, embora sejam tipos textuais distintos, apresentam uma característica semelhante: a presença de elementos constituintes de uma história (narrador, personagens, tempo, espaço), transformando-a em uma sequência de fatos detalhados disponíveis para o entendimento do leitor.

No caso do *corpus* em análise, há dois tipos de narrativa e de relato, sendo a narrativa de experiência pessoal uma história voltada à vivência do informante e a narrativa recontada uma história conhecida pelo falante e narrada por ele de forma singular, com características às quais cabe a ele dar mais ênfase ou não, conforme a intenção comunicativa; o relato de opinião um depoimento a respeito de algo geralmente polêmico, exigindo um posicionamento do informante, e o relato do procedimento um tipo textual que mostra como proceder em determinada situação, geralmente voltada ao trabalho ou a alguma atividade da rotina do falante. Além disso, há o tipo textual um pouco mais afastado em termos de semelhança do conteúdo: a descrição de local, em que o informante se limita apenas a descrever algum lugar que ele conhece bem, sem exprimir algum sentimento ou juízo de valor a respeito.

Constatamos que tanto no RO quanto na NR há bastantes ocorrências, provavelmente em virtude de o conteúdo exposto por cada falante ser mais abrangente e os dois tipos textuais se assemelharem quanto ao propósito comunicativo de contar uma história, algo que requer apresentação de detalhes os quais auxiliam na formação e, conseqüentemente, compreensão de uma cena enunciativa.

¹⁷ Narrativa de experiência pessoal (NEP), narrativa recontada (NR), descrição de local (DL), relato de procedimento (RP) e relato de opinião (RO).

No capítulo 5, nos dedicamos a discutir os dados à luz dos pressupostos teóricos já apresentados, a fim de explicar a recorrência de um ou outro padrão em que os verbos de percepção *ver* e *olhar* ocorrem, bem como sua distribuição no *continuum* de abstratização.

5 DISCUSSÃO DOS DADOS À LUZ DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os números apresentados nas Tabelas 2, 4, 6 e 9, referentes aos dados coletados no *Corpus D&G Natal*, mostram que as ocorrências foram divididas nas modalidades oral e escrita. Verificamos que o verbo *ver* é o mais prototípico, dentre os verbos classificados como de percepção (cf. Introdução) – tanto na escrita quanto na oralidade – por apresentar maior frequência e por ser empregado em vários contextos. Isso ocorre, provavelmente, porque a visão é o sentido mais básico do ser humano, isto é, por tomarmos o corpo como referência para as nossas experiências físicas e perceptuais. Percebemos maior recorrência do verbo *ver* na modalidade oral, principalmente porque as narrativas faladas são mais extensas do que as escritas no *corpus* analisado (cf. análise da Tabela 2).

Após a verificação dos dados, constatamos que, do ponto de vista semântico, os verbos de percepção se distribuem num *continuum* de abstratização que pode ser assim expresso: (i) sentido referencial; (ii) sentido abstrato; (iii) marcador discursivo; e (iv) expressão idiomática. As amostras (39) a (42) exemplificam cada sentido desse *continuum*.

(39) é a água que você tá decantando ... lógico ... sai para a terceira fase de uma forma subterrânea do mesmo jeito ... tem a queda na parede ... ela entra ... você não vê ... só vai ver a água saindo lá nos filtros ... que é a fase de filtração ... a quinta fase ... né ... são filtros grandes ... do tamanho de uma casa ... (*Corpus D&G*, p. 91)

(40) se você ler a bíblia profundamente ... você vai ver que Deus não é esse Deus que a igreja protestante prega ... (*Corpus D&G*, p. 23)

(41) porque eu vou pro colégio ... às vezes ... pro colégio não ... pro trabalho ... aí já saio de seis lá ... às vezes eu chego de sete e meia ... oito horas e minha mãe já fica perguntando ... “onde é que tu tava?” me dá uma raiva ... né? porque ... olha ... eu detesto essas coisa ... eu num admito também ... que mãe ... namorado ... fica ... sabe? pressionando ... é ... controlando ... (*Corpus D&G*, p. 104)

(42) eu resolvi ... começar a desligar tudo que num tinha nada a ver comigo e nesse processo entrou o curso ... entrou ... entrou ... é:: até mesmo mudanças de comportamento ... ((riso)) consideradas mudanças de comportamento aconteceram em mim ... que não ... que ... que num ... não estavam é ... de acordo com aquilo que eu queria para minha vida ... (*Corpus D&G*, p. 63)

No primeiro caso, há uma ocorrência do verbo *ver* no seu sentido referencial, que denota perceber pela visão, original do latim *videre* e o sentido de entrada do verbete no dicionário eletrônico Houaiss (2006). Já no segundo, o verbo *ver* é usado no sentido abstrato, metafórico, de pensar, significando a percepção de que Deus não é o mesmo em uma dada doutrina religiosa.

A ocorrência (41) ilustra uma expressão que acentua ou chama a atenção de alguém para o assunto da conversa, sendo classificada como marcador discursivo, esvaziado semanticamente. Quanto à última ocorrência, (42), trata-se de uma expressão idiomática, ou seja, uma expressão fixa da língua que não permite substituição de seus itens por algum outro item. A essa expressão, conforme Bybee (2010), dá-se o nome de *chunk*¹⁸, sendo ela resultado do *chunking*, um processo cognitivo que implica na habilidade de construir estruturas recursivamente, levando a uma organização hierárquica da memória.

Os verbos de percepção, conforme já mencionado, remetem ao corpo e podem ser usados de formas diferentes de sua acepção original. Por meio da projeção metafórica (cf. subseção 2.3.5), *ver* passa a ser utilizado com outros sentidos, menos prototípicos, significando, por exemplo, estar presente, testemunhar, ter contato ou ter experiência, conhecer, ter cuidado com, pesquisar, avaliar, procurar, perceber-se, reconhecer-se, entre outros. Os novos sentidos atribuídos ao verbo podem ser construídos partindo de dois contextos, sendo eles o comunicativo e o morfossintático. Este diz respeito à associação entre a forma verbal e os outros elementos da língua, e aquele à necessidade de se criar uma nova categoria com base em uma forma existente da língua, buscando atender às necessidades comunicativas, conforme as ocorrências apresentadas no início desta seção.

O verbo *olhar*, por sua vez, também adquiriu outros sentidos por meio da projeção metafórica, significando realizar uma análise, avaliação, buscar informação em, consultar, fazer leitura superficial, tomar conta de, prestar atenção a, entre outros. Entretanto, comprovamos um destaque na quantidade de ocorrências desse verbo como marcador discursivo.

A respeito das ocorrências em que *ver* e *olhar* funcionam como marcador discursivo, devemos tecer algumas considerações. Essa categoria é parte de uma estrutura interativa e é utilizada para marcar os turnos de fala entre falante e ouvinte. Nos dados analisados, verificamos que o verbo *olhar* é bastante utilizado como marcador (cf. Tabelas 3 e 4),

¹⁸ Um *chunk* é uma unidade da organização da memória, criada pela união de um conjunto de *chunks* já formados na memória e fundidos em uma unidade maior. (BYBEE, 2010).

superando a quantidade de ocorrências em outros sentidos, incluindo aquelas com o verbo *ver*. Diferente dos itens “olha” e “olhe”, o significado de “veja”, por exemplo, ainda exige uma certa inferência mental, solicitando que o ouvinte não só preste atenção, mas também compreenda a informação passada pelo falante. Isso se deve ao fato de “olha” e “olhe”, os mais utilizados pelos falantes, estarem mais distantes de seu estatuto verbal e aproximarem-se mais de uma mudança categorial¹⁹. Dessa forma, eles adquirem múltiplas funções, como avaliar, atenuar, advertir, dentre outras, corroborando nossa hipótese de que os verbos em estudo seguem uma unidirecionalidade, do sentido referencial até o mais esvaziado semanticamente.

As expressões idiomáticas, consoante o mencionado no início desta seção, são unidades lexicais complexas e indecomponíveis, uma vez que seus componentes não se dissociam, podendo haver pequenas variações, com traços próprios e regulares que acompanham a própria irregularidade da língua, obedecendo às necessidades discursivo-pragmáticas. Quanto às ocorrências com os verbos *ver* e *olhar* na função de expressão idiomática, sendo todas elas “nada a ver” ou “vai ver que”, ainda que não tenhamos encontrado um quantitativo tão expressivo (cf. Tabelas 3 e 4), este também ratifica nossa hipótese de que os verbos de percepção seguem uma unidirecionalidade, uma vez que passam por uma mudança semântica e se convencionalizam no uso da língua.

Embora se afastem semanticamente dos verbos prototipicamente transitivos, a observação de dados reais de fala mostra que esses verbos podem ser acompanhados de um Objeto Direto (OD) que codifica o participante envolvido na ação verbal – a pessoa ou coisa que estimula o evento de percepção (como em Ela presenciou um crime).

Conforme já mostrado no capítulo 4 (Análise dos dados), encontramos alguns casos que dizem respeito aos objetos diretos dos verbos de percepção em determinadas orações: esperávamos que tais objetos fossem ou um Sintagma Nominal (SN) ou uma oração ou um zero anafórico. Entretanto, também houve algumas ocorrências que desviaram dessa codificação (argumento codificado como Sintagma Preposicional, em especial). Vejamos alguns dados a respeito do sujeito.

(43) já começavam a olhar pra mim e não sei que e falava ... “mas Gerson tu é doido ... ficar dançando nessa ... com essas músicas”... e tudo mais ... aí ... eu posso ... eu tenho que explicar porque as pessoas ... (*Corpus D&G*, p. 80)

¹⁹ Não nos detemos aqui à questão da mudança categorial, uma vez que não se constitui como noção pertinente para a análise dos verbos em estudo.

Em (43), constatamos um dos casos em que o complemento de um verbo de percepção é codificado por um Sintagma Preposicional (SPrep): o verbo *olhar* exige um complemento e esperávamos que este fosse um SN, como acontece em outras ocorrências. Contudo, de acordo com Borba (1996), esse uso de *olhar* que, nesse caso, indica direção, exige um SPrep que complete seu sentido.

(44) No futuro ele chega lá e vê **cenias assim** próximas a ele que Martin vai... (*Corpus D&G*, p. 85)

(45) Algum filme **que** você tenha visto e que você tenha gostado e poderia recontá-lo pra mim? (*Corpus D&G*, p. 96)

(46) Isso minha mãe olhando pra trás... pra ver **se vinha algum carro**... né... atrás... (*Corpus D&G*, p. 102)

Nos excertos (44) a (46), o verbo *ver* ocorre com os complementos esperados: um SN, o pronome *que*, retomando o substantivo filme, e uma oração, respectivamente. Todavia, em (46) o verbo *olhar* é acompanhado por um SPrep, codificado como complemento direcional, há um sujeito experienciador (“minha mãe”), assim como em (43), o qual passa pela experiência de ser observado por alguém.

Conforme Ibarretxe-Antuñano (1999), o campo semântico da percepção tem cinco componentes: visão, audição, tato, olfato e paladar. Embora o rótulo percepção faça referência a verbos como *ver*, *olhar*, *ouvir*, *escutar*, *soar*, *cheirar*, *tocar*, *sentir* e *provar*, dentre outros, é importante observar que esses verbos podem fazer parte de três diferentes grupos, de acordo com o papel semântico de cada um deles.

(47) aí ela disse que ia buscar as roupa dela em casa e tudo ... aí foi buscar ... quando chegou que ... nos dias né? do cotidiano vestindo ... aí ele viu e disse que num dava certo aquelas roupa ... aí deu um dinheiro sabe? pra ela ir nessa loja ... inclusive nessa loja que ela foi comprar as roupas chiques ... ela chegou toda mal trajada ... que ela num tinha roupa né? aí ela começou a olhar ... e as vendedora tudo de olho pensando que ela ia roubar ... e ela só escolhendo ... parece que foi assim ... ou então ela olhou ... olhou ... e não comprou nessa loja ... foi noutra e passou na frente delas ... na frente das vendedora ... (*Corpus D&G*, p. 112)

Na ocorrência (47), o objeto direto é um zero anafórico, dado ou recuperável no texto. No contexto linguístico em que (47) foi usado (uma narrativa recontada sobre o filme *Uma linda mulher*), por exemplo, é dito anteriormente que o sujeito da ação (ela) está olhando roupas (o objeto direto) em uma loja. Logo, o leitor recupera esse referente como OD de olhar.

Conforme a Gramática Tradicional, as categorias linguísticas formam um conjunto com os mesmos traços categóricos, sem possibilidade de mudanças levando em consideração as escolhas do falante. No entanto, a abordagem da LFCU define essas categorias como discretas e a língua como um instrumento maleável, sujeito às pressões de uso, com estruturas que surgem, se moldam e se regularizam de acordo com o contexto sociocomunicativo. Os dados coletados e analisados até aqui nos permitem afirmar que essas categorias fogem do conceito apontado tradicionalmente, mostrando-se flexíveis.

Quanto à codificação morfológica do objeto, percebemos que nem sempre ele foi codificado como um SN, conforme o esperado. Sob a ótica pragmática, a estrutura argumental, normalmente, apresenta um termo contendo uma informação nova e que corresponde, geralmente, ao OD. Na análise dos dados coletados, os padrões de estrutura argumental apresentavam os objetos codificados da seguinte forma: explícito, anafórico, inferível e oracional. Além disso, também analisamos ocorrências em que o complemento foi codificado como um sintagma preposicional.

O resultado obtido com relação a essa codificação do OD revela que esse elemento é pragmaticamente variável, seguindo a seguinte hierarquia do ponto de vista morfológico: zero anafórico > oracional > explícito > zero inferível, nos dados coletados no Banco Conversacional de Natal, e explícito > zero anafórico > oracional > zero inferível, nos dados coletados no *Corpus D&G Natal*. No que concerne às ocorrências em que o complemento foi codificado como Sprep, nos dois *corpora* a quantidade foi a menor, corroborando nossas expectativas a respeito da codificação do SN, como já mencionado anteriormente a respeito dos exemplos (43) e (46).

Do ponto de vista do processamento da informação, a escolha por um objeto que não seja codificado como SN lexical demanda mais esforço cognitivo por parte do falante, isto é, fica mais distante do objeto prototípico e, conseqüentemente, do padrão de estrutura argumental mais prototípico.

Alguns casos encontrados no *corpus* investigado dizem respeito à ordenação dos constituintes da oração. Há poucas ocorrências destes, provavelmente porque a ordenação

Sujeito + Verbo + Objeto é a estrutura preferida pelos falantes, é a mais prototípica e, cognitivamente, mais fácil de ser compreendida, consoante já mencionado no capítulo 4 .

(48) ... **assuntos que aprendi** nunca tinha visto na Matemática. (*Corpus D&G*, p. 157)

(49) ... **crime no Brasil** é o que você mais vê ... é pai matando mãe ... assim ... casal ... casais ... né? (*Corpus D&G*, p. 118)

Nos casos acima, temos objetos ocupando a primeira posição na estrutura oracional, “assuntos que aprendi” e “crime no Brasil”, respectivamente. Não há sujeito expreso verbalmente em (48), mas conseguimos identificá-lo como “eu”, e em (49), o sujeito aparece antes do verbo e depois do complemento, posposto, ocupando a posição que, prototipicamente, seria do verbo.

O resultado obtido com relação aos padrões de estrutura argumental com os verbos de percepção *ver* e *olhar* foi o seguinte: S + Vperc + SN (zero anafórico) > S + Vperc + SN (OD oracional) > S + Vperc + SN (OD explícito) > S + Vperc + SN (zero inferível) > S + Vperc + Sprep > OD + S + Vperc > OD + Vperc + S, nos dados coletados do Banco Conversacional de Natal, e S + Vperc + SN (OD explícito) > S + Vperc + SN (zero anafórico) > S + Vperc + SN (OD oracional) > S + Vperc + SN (zero inferível) > S + Vperc + Sprep > OD + S + Vperc > OD + Vperc + S, nos dados coletados do Corpus D&G Natal.

A estrutura argumental preferida pelo falante, como já mencionado no capítulo 4 (Análise dos dados) e apontado por Du Bois (2003), é, geralmente, aquela em que o sujeito aparece primeiro e o objeto é ocupado por um uma SN lexical à direita do verbo. Essa premissa foi comprovada após a análise dos dados coletados, mostrando, mais uma vez, que a língua é mutável, flexível, isto é, passível de mudanças que acompanham as necessidades dos falantes.

6 CONCLUSÃO

Após dois anos de investigação a respeito dos verbos de percepção *ver* e *olhar* e análise dos dados coletados no *Banco Conversacional de Natal* e no *Corpus D&G Natal*, pudemos confirmar algumas hipóteses acerca do fenômeno investigado, embasadas numa perspectiva funcional centrada no uso. As ocorrências encontradas mostram que o modo como os verbos se combinam com nomes não é uma propriedade estável dos itens no léxico mental, mas um fato altamente variável.

A investigação nos permitiu uma maior compreensão a respeito de uma das classes dos verbos de atividades mentais, os verbos de percepção, destacando fatores semânticos, discursivos e pragmáticos, e contribuindo para uma possível mudança de postura no modo de se estudarem as relações entre forma e função.

Primeiramente, os usos dos verbos *ver* e *olhar* seguem uma unidirecionalidade em termos de prototipia, ou seja, eles ocorrem do sentido referencial para o sentido abstrato. Além disso, os diferentes padrões sintáticos desses verbos parecem expressar significados ligeiramente diferentes. Os verbos de visão são mais facilmente metaforizados, em virtude de nossa base corpórea da língua, uma vez que nos utilizamos do corpo para fazermos referência às experiências sensoriais e perceptuais pelas quais passamos. Assim, projetamos nossas ideias metaforicamente. Tomemos como exemplo o verbo *ver*, o mais frequente no *corpus* investigado. A variação de sentido desse item está ligada ao fato de que cada item lexical adquire seu valor semântico no uso contextual específico.

Quanto aos tipos textuais e sua relação com os padrões de estrutura argumental, pudemos constatar que S + Vperc + SN (OD explícito), S + Vperc + SN (zero anafórico) e S + Vperc + OD oracional, os mais recorrentes, ocorreram mais vezes nas narrativas de experiência pessoal e recontada e nos relatos de opinião. Acreditamos que tal recorrência seja apenas em virtude da escolha do falante no momento da interação. A escolha por tais padrões se justifica, possivelmente, pelo fato de nem sempre um determinado verbo corresponder a uma estrutura argumental cristalizada e de a omissão do objeto direto não ocasionar dificuldade ou impossibilidade de interpretação do enunciado. Sendo assim, quanto mais predizível for o conteúdo lexical, a partir do significado do verbo, mais omissível será o objeto direto.

Confirmamos, dessa forma, que há diferenças entre fala e escrita e que o verbo prototípico de um determinado tipo de evento deve ser definido também pelas relações sintáticas associadas a esse evento. Mais uma vez, isso corrobora o fato de que, em se tratando

da gramática das orações, não há espaço para estruturas fixas, pois a estrutura argumental é variável e as ocorrências com estruturas diferentes tem a ver com as situações reais de uso linguístico.

Quanto aos tipos textuais presentes no *Corpus D&G Natal*, verificamos que eles não são motivados por um ou outro padrão de estrutura argumental, uma vez que se constituem como sequências que acabam misturando características e formando textos mistos, tornando difícil a análise. Nesse caso, os dados coletados não comprovam a hipótese inicial de que há uma relação entre tipo textual e padrões de estrutura argumental.

As ocorrências analisadas mostram que o modo como os verbos se combinam com nomes não é uma propriedade estável dos itens no léxico mental, mas um fato altamente variável. Ou seja, nem sempre a um determinado verbo irá corresponder uma estrutura argumental cristalizada, e a omissão do objeto direto não causa dificuldade ou impossibilidade de interpretação do enunciado. Há uma tendência de que quanto mais predizível for o conteúdo lexical, a partir do significado do verbo, mais omissível poderá ser o objeto direto.

Apesar de as construções mais comuns na língua fornecerem opções cristalizadas (que já se fixaram na língua sem possibilidade de mudança) ou convencionalizadas, os verbos e suas estruturas argumentais são mutáveis, capazes de assumir comportamentos sintático-semânticos diferentes. Embora algumas ocorrências estejam mais distantes do sentido referencial, os verbos de percepção, em geral, comportam-se como transitivos, acompanhados de complemento objeto direto, e não podem ser excluídos numa abordagem que prevê um tratamento escalar da transitividade.

Ratifica-se que determinada estrutura argumental de um verbo, uma vez cristalizada, torna-se um recurso disponível e econômico para os membros da comunidade discursiva, devido a sua frequência de uso. Não há, então, espaço para estruturas rígidas na língua; cada papel semântico associado a um verbo define um protótipo, cada verbo define sua moldura semântica de forma única.

Portanto, após a coleta e análise dos dados aqui arrolados, afirmamos que é necessário ainda um estudo mais aprofundado a respeito da relação entre tipos textuais e os padrões de estrutura argumental, tendo em vista a relevância do assunto para os estudos da LFCU, além de um estudo que focalize não só a estrutura argumental com os verbos *ver* e *olhar*, mas também com os demais verbos de percepção.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. A estrutura argumental dos verbos de ação. **Revista Pública**, Natal, ano 3, v. 3, n. 1, p. 28-35, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/publica/article/view/106/102>> Acesso em: 15 dez. 2015.
- BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. Valência verbal. In: _____. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996. p. 46-74.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CANÇADO, M. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, ano 5, n.4, v.1, p.89-114, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/1030/1155>> Acesso em: 27 jul. 2013.
- COSTA, M. A. Procedimentos de manifestação do sujeito. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Procedimentos discursivos na fala de Natal** – uma abordagem funcionalista. Natal: EDUFRN, 2000.
- DU BOIS, J. W. Argument structure: grammar in use. In: DU BOIS *et al.* **Preferred argument structure: grammar as architecture for function**. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. A análise construcional do discurso: uma alternativa cognitiva para o estudo dos gêneros discursivos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 6. 2010. Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2011. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Paulo%20Henrique%20Duque%20\(UFRN\)%20e%20Marcos%20Antonio%20Costa%20\(UFRN\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Paulo%20Henrique%20Duque%20(UFRN)%20e%20Marcos%20Antonio%20Costa%20(UFRN).pdf)> Acesso em: 15 dez. 2015.
- FALÔ Mário! Homenagem ao professor Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2011. Disponível em: <http://www.discursioegramatica.letras.ufrj.br/download/homenagem_livro_mario.pdf> Acesso em: 10 jun. 2013.
- FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, M. A (Org.). **Banco conversacional de Natal**. Natal, RN: EdUFRN, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EdUFRN, 1998. v. 1. p. 2-184.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A relação gramatical objeto direto na fala e na escrita. In: MOURA, D. (Org.). **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EdUFAL, 2008a. p. 439-442.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Construções de estrutura argumental: revisitando e aprofundando a gramática da oração. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 27., 2012. Rio de Janeiro. **Anais...** 2012. Rio de Janeiro: UFF, 2012.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 115-131, 2. sem. 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistagragoata/ojs/index.php/gragoata/article/view/304>> Acesso em: 31 jul. 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013. p. 9-34.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A. A interdependência dos componentes sintático, semântico e pragmático. **Veredas – Rev. Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 61-70, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap053.pdf>> Acesso em: 31 out. 2015

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. A transitividade segundo a linguística funcional norte-americana. In: **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 37-65.

GIVÓN, T. **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Pragmatics and argument structure. In: HORN, L. R.; WARD, G (Orgs.). **The handbook of pragmatics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltda, 2006. p. 427-441.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. **Polysemy and metaphor in perception verbs: a cross-linguistic study**. 1999. 235 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Edimburgo, Reino Unido, 1999. Disponível em: <<http://www.unizar.es/linguisticageneral/articulos/Ibarretxe-PhD-Thesis-99.pdf>> Acesso em: 20 set. 2012.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. CD-ROM.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

LIMA, R. C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 52. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LUCENA, N. L. Relação gramatical objeto direto: a interface entre sintaxe, semântica e pragmática. **Rev. Letrônica**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 12-30, jul. 2011.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo. In: WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E.; CEZARIO, M. M. **Linguística: fundamentos**. Rio de Janeiro: CCAA, 2006. p. 231-265.

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. (Org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 87-106.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

NEVES, M. H. M. A visão funcionalista da linguagem. In: _____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 15-34.

OLIVEIRA, T. **Sobre a construção inferencial do conhecimento a partir de três verbos de percepção sensorial**. Disponível em: <<http://www.apl.org.pt/docs/26-textos-seleccionados/Oliveira.pdf>> Acesso em: 27 jul. 2013.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROST, C. A. **Expansão semântico-pragmática e mudança categorial de verbos de percepção**: amostra sincrônica. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/6123/5667>> Acesso em: 27 jul. 2013.

SCHLESINGER, I. M. Mental verbs. In: _____. **Cognitive space and linguistic case: semantic and syntactic categories in English**. Cambridge University Press, 1995.

SILVA, L. A. **As bases corporais da gramática**: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro. 2012. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SWEETSER, E. E. Semantic structure and semantic change: English perception-verbs in an Indo-European context. In: _____. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge studies in Linguistics, n. 54, 1990. p. 23-48.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**. New York: Oxford University Press, 2003.

TOMASELLO, M. **The new psychology of language**. v. 1. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Lexical Constructionalization. In: _____. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 163-168.

VENDRAME-FERRARI, V. Verbos de percepção em construções evidenciais de acordo com o modelo da gramática discursivo-funcional. **Revista Linguística**, v. 8, n. 1, p. 100-112, jun. 2012.

VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: VOTRE, S. J. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004. p. 11-49.